

LÍNGUAS E CULTURAS AFRICANAS



PoLiTicas



LÍNGUAS E CULTURAS AFRICANAS

Florianópolis, junho de 2025

caroba
produções



Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

S498L

Severo, Cristine Gorski
Linguagens e educação para as relações étnico-raciais: línguas e culturas africanas - Volume 1 / Cristine Gorski Severo, Gregorio Bembua Kambundo Tchitutumia. – Florianópolis: UFSC|CCE|PoLiTiCas, Florianópolis: Caroba Produções, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-65-987001-0-21

1. Línguas africanas. 2. África. 3. Linguística. 4. Multilinguagem. I. Severo, Cristine Gorski. II. Tchitutumia, Gregorio Bembua Kambundo. III. Título.

CDD 496

Índice para catálogo sistemático

I. Línguas africanas



Grupo de Pesquisa em Políticas Linguísticas
Críticas e Direitos Linguísticos

EQUIPE GESTORA:

Cristine Gorski Severo

Coordenadora geral - Univerdade
Federal de Santa Catarina

Ezequiel Bernardo

Instituto Superior de Ciências da
Educação ISCED-Cabinda - Angola

Ezra Chambal Nhampoca

Universidade Eduardo
Mondlane - Moçambique

Leticia Cao Ponso

Universidade Federal de Rio Grande

Alexandre Silveira

Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira - Bahia

Maria Luiza Rosa Barbosa

Universidade Federal de Santa
Catarina - Doutorado

BOLSISTAS

Gregório Bembua Kambundo

Tchitutumia

Programa Institucional de Bolsas de
Iniciação Científica - Universidade
Federal de Santa Catarina

Jéssica das Graças Gomes da Silva

Programa Institucional de Bolsas de
Iniciação Científica - Universidade
Federal do Rio Grande

Lucas Saraçol Lopes

Programa Institucional de Bolsas de
Iniciação Científica - Universidade
Federal de Santa Catarina

Pedro Cardoso Paulino

Programa Institucional de Bolsas de
Iniciação Científica - Universidade
Federal de Santa Catarina



EQUIPE

Júlia Caroba

Projeto Gráfico
Diagramação

Vitor Teixeira

Capa

APRESENTAÇÃO

O QUE SABEMOS SOBRE AS HISTÓRIAS DAS LÍNGUAS AFRICANAS?

Este material apresenta de maneira resumida e didática a realidade linguística de países africanos. Sabemos que o continente africano apresenta uma das maiores diversidades de línguas do mundo. Enfocamos elementos históricos, os valores e os significados culturais, étnicos, sociais e políticos que as línguas assumem nesses países. Daremos atenção especial para Angola, em reconhecimento aos laços históricos que conectam este país com o Brasil. Com isso, buscamos valorizar as línguas africanas através da divulgação de sua riqueza e beleza.

Recomendação de conteúdo

Sobre o conceito de oralidade, recomendamos a leitura do texto “Tradição Viva”, escrito pelo escritor malinês e mestre das tradições orais Hampatê Bá (1901-1991).

“Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apóie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África.” (BÂ, 2010, p. 167)



BÂ, Amadou Hampaté, Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph. História da África I: metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010. capítulo 8. Disponível em: unesco.org

Os provérbios africanos citados abaixo destacam a importância das línguas nativas e o valor de aprender e preservar essas línguas como parte essencial da cultura e das identidades africanas:

1. “Se você fala em uma língua estrangeira, você nunca sentirá a verdadeira beleza de suas próprias palavras.” (Provérbio da África Ocidental)
2. “Uma língua é como uma árvore, seus galhos se espalham por todo o mundo.” (Provérbio da África Central)
3. “A língua é a chave que abre a porta para a compreensão.” (Provérbio da África Oriental)
4. “Quando você aprende uma nova língua, você ganha uma nova vida.” (Provérbio da África Austral)
5. “A língua é como uma flecha, uma vez lançada, não pode ser retirada.” (Provérbio da África Ocidental)
6. “A língua é o espelho da cultura.” (Provérbio da África Oriental)
7. “Aquele que fala duas línguas vale por dois.” (Provérbio da África Central)
8. “Aquele que aprende uma nova língua adquire uma nova alma.” (Provérbio da África Austral)
9. “A língua é a casa do pensamento.” (Provérbio da África Oriental)
10. “Uma língua não pode ser engolida.” (Provérbio da África Ocidental)

SUMÁRIO

8

CAPÍTULO 1

África: países africanos, divisão territorial e história

17

CAPÍTULO 2

A questão histórica das línguas

31

CAPÍTULO 3

Países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP)

48

CAPÍTULO 4

Angola

64

PALAVRAS FINAIS

65

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



CAPÍTULO 1

ÁFRICA: PAÍSES AFRICANOS, DIVISÃO TERRITORIAL E HISTÓRIA

Quando se trata de África, algumas pessoas têm ideias diferentes das outras. Para algumas pessoas, trata-se apenas de um país aglomerado de florestas, pessoas e animais. Sobre esses estereótipos e preconceitos, muitos/as africanos/as na diáspora, por exemplo, testemunham a falta de conhecimento ou a presença de preconceitos a respeito da África. A título de exemplo, observe a ilustração a seguir feita por um estudante africano no Brasil, que retrata a realidade vivida por muitos/as africanos/as na diáspora:



IDEIA SOBRE A ÀFRICA

Sobre a visão imposta sobre África, esse continente é muitas vezes definido em função da cor da pele, do subdesenvolvimento e das crises. Seria um lugar onde o civilizado ainda não chegou, cujos moradores, em geral, apresentam-se como seres selvagens, repugnantes, debilitados, imorais e, por isso, incapazes de edificar ou propagar qualquer tipo de conhecimento válido.

Essa ideia é uma invenção, como nos ensina o filósofo congolês Valentin-Yves Mudimbe, em sua obra “A ideia de África”. Essa invenção foi moldada e reproduzida nos contextos do **colonialismo**, **imperialismo** ou **neocolonialismo** dos séculos XIX e XX, que caracterizam práticas concretas e simbólicas de domínio, conquista e exploração política, econômica, cultural e subjetiva exercidos pelas nações industrializadas europeias (Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica e Holanda) sobre o continente africano. Sabemos que essas ações exploratórias foram as principais causas da vulnerabilidade econômica vivenciada por países africanos hoje, embora muitos desses países e povos tenham nos ensinado lições de superação e de resistência criativa e inventiva.

Como curiosidade, podemos comparar a África como o pulmão do mundo, considerando o formato do mapa: rica em vários recursos naturais que contribuem significativamente para o desenvolvimento da economia mundial e de suas sociedades.

O QUE PRECISAMOS SABER SOBRE ÀFRICA?

A África é o terceiro maior continente do mundo, com aproximadamente 1,2 bilhões de habitantes e 30 milhões de km². É o segundo continente mais populoso, sendo composto por 54 países. Trata-se de uma realidade plural e diversificada, por isso, preferimos falar em países africanos, evitando a ideia de um continente homogêneo. Limita-se ao norte pelo Mar Mediterrâneo, a sul pela confluência dos Oceanos Índico e Atlântico; a leste pelo Oceano Índico e a oeste pelo Oceano Atlântico.

Colonialismo – processo de dominação e exploração territorial de um país sobre outro.

Imperialismo – conjunto de ações que levam um país a dominar outros territórios de forma a construir um império.

Neocolonialismo – denomina o tipo de dependência econômica existente ainda hoje de países ex-colonizados em relação aos países ricos, que são, em grande medida, os ex-colonizadores.

Recomendação de conteúdo

Para um aprofundamento sobre a questão dos preconceitos e estereótipos, recomendamos este texto do pesquisador moçambicano Joaquim Nhampoca:

NHAMPOCA, Joaquim. Os três C's da África e a desconstrução do rótulo. In: LEITE, I. B.; SEVERO, C. G. Kadila: culturas e ambientes - Diálogos Brasil-Angola. São Paulo: Blucher, 2016. p. 417-426.

[Clique aqui para acessar](#)

NHAMPOCA, Joaquim. Os três C's da África e a desconstrução do rótulo. In: LEITE, I. B.; SEVERO, C. G. Kadila: culturas e ambientes - Diálogos Brasil-Angola. São Paulo: Blucher, 2016. p. 417-426.

Clique aqui para acessar

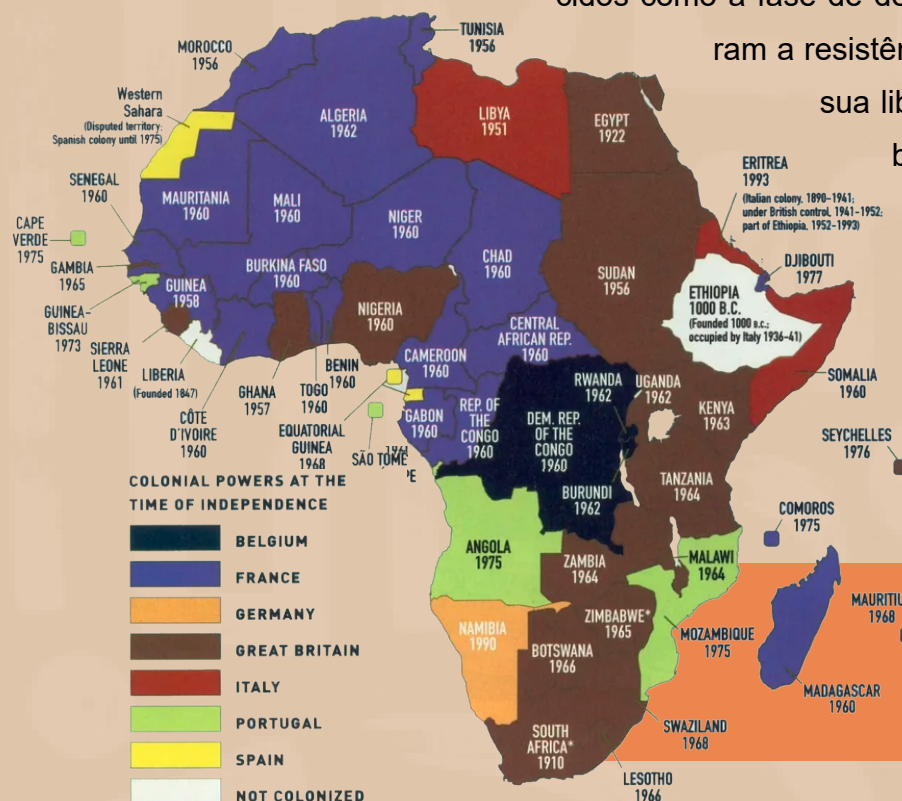
Há em África mais de 2000 línguas faladas, caracterizando uma riqueza cultural e linguística impressionante. O continente tem uma vasta e rica história que data de 10.000 a.C., sendo o norte da África uma das regiões mais antigas do mundo, a exemplo da civilização egípcia.

Não pretendemos abordar detalhadamente a história geral da África e dos seus 54 países, dada a imensidão de informações, mas gostaríamos de relatar de forma resumida e didática algumas ideias relevantes sobre o continente

africano, com atenção especial para aqueles que têm a língua portuguesa como oficial.

Seguimos a nossa jornada ilustrativa sobre os países africanos com duas imagens: uma que ilustra os anos de independência desses países, majoritariamente no século XX, e outra que mostra as suas bandeiras. Sabemos que os processos de independência desses países, também conhecidos como a fase de descolonização de África, envolve-

ram a resistência ativa dos/as africanos/as por sua libertação e liberdade, sendo celebrada e rememorada anualmente.



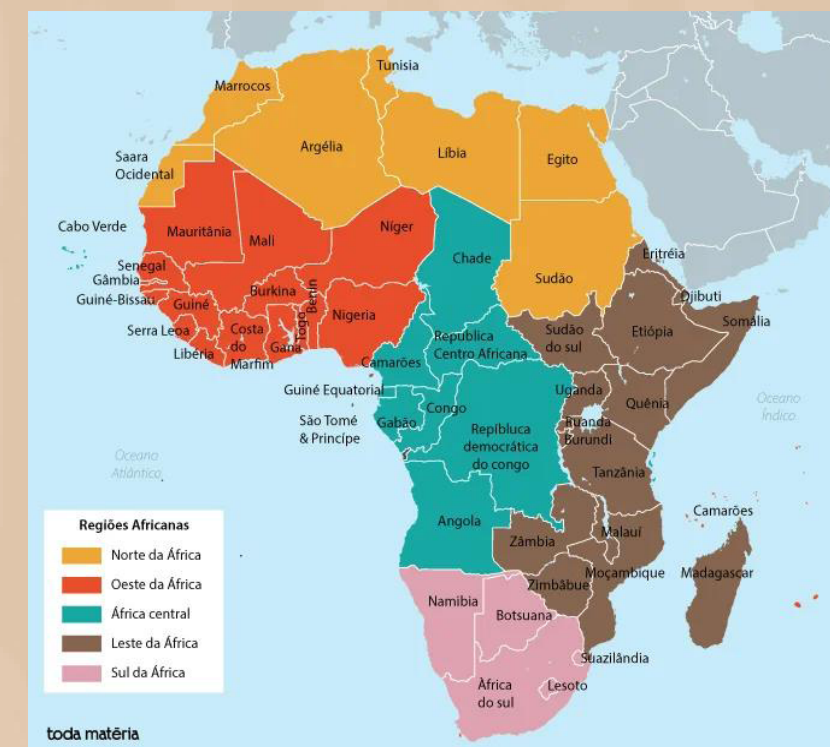
Mapa dos países africanos com suas independências

Fonte: Mapa disponível no **Reddit.com**

LISTA DOS PAÍSES AFRICANOS E SUAS BANDEIRAS

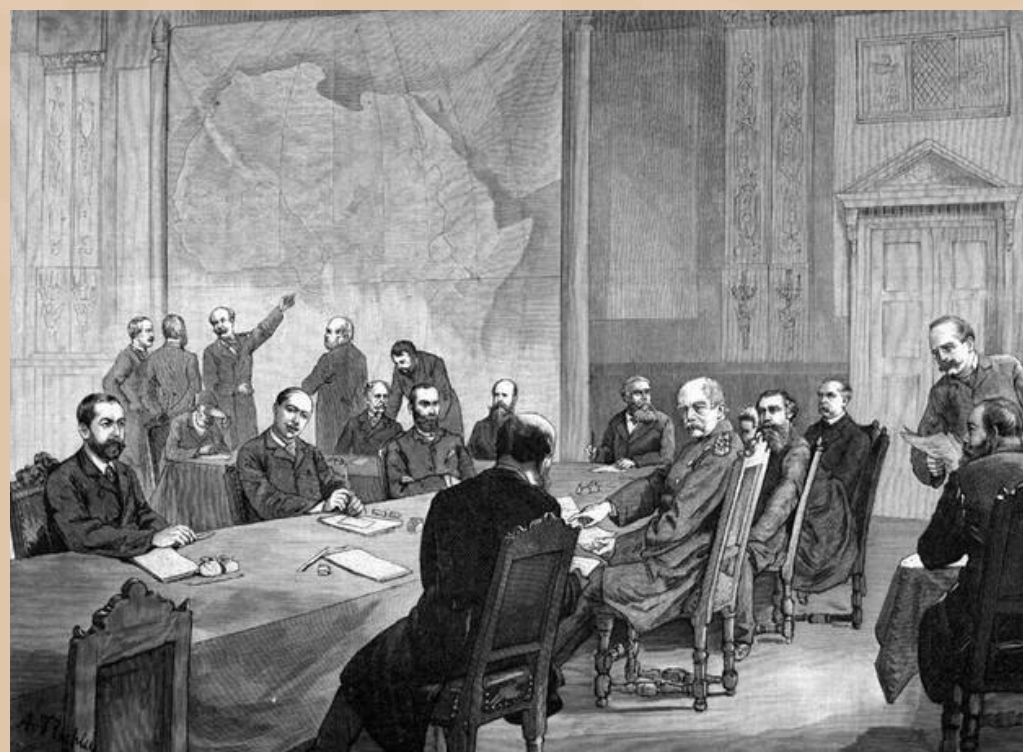


A África está distribuída em cinco regiões: Norte da África, Oeste da África, África Central, Leste da África e Sul da África. Os países mencionados de cada região estão destacados no mapa ao lado:



Durante o período colonial, que se iniciou no século XV, o continente africano foi partilhado pelas colônias ocidentais, exceto Etiópia e Libéria, que são os únicos países africanos que não foram colonizados pelo ocidente. O processo político de partilha do continente ocorreu durante o século XIX, sendo finalizado com o famoso episódio da Conferência de Berlim (1884-1885), um encontro entre 14 países europeus com vistas a dividir politicamente o continente africano. Essa divisão não levou em conta as fronteiras culturais e étnicas existentes entre os territórios africanos, o que estimulou o surgimento de uma série de conflitos e tensões internas. Tratou-se do princípio de dividir para controlar.

CONFERÊNCIA DE BERLIM



A África mostrou-se sempre ser um continente muito rico em diversos recursos, despertando os interesses de vários países do continente europeu, que procuravam extrair tais recursos para fortalecer as suas indústrias e o modo de concretizar os seus interesses econômicos. Dentre os principais países, destacavam-se: a Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica, Itália, Holanda e Portugal. Abaixo, evidenciamos uma ilustração que narra essa relação de apropriação do continente, a partir do olhar de um pesquisador africano:

*Sou como pulmão no corpo.
Sem mim, a respiração some.
Sou rica em oxigênio.
Cobiçada e desejada pelos que me repartem.
Sou Mãe África.*

- Greg

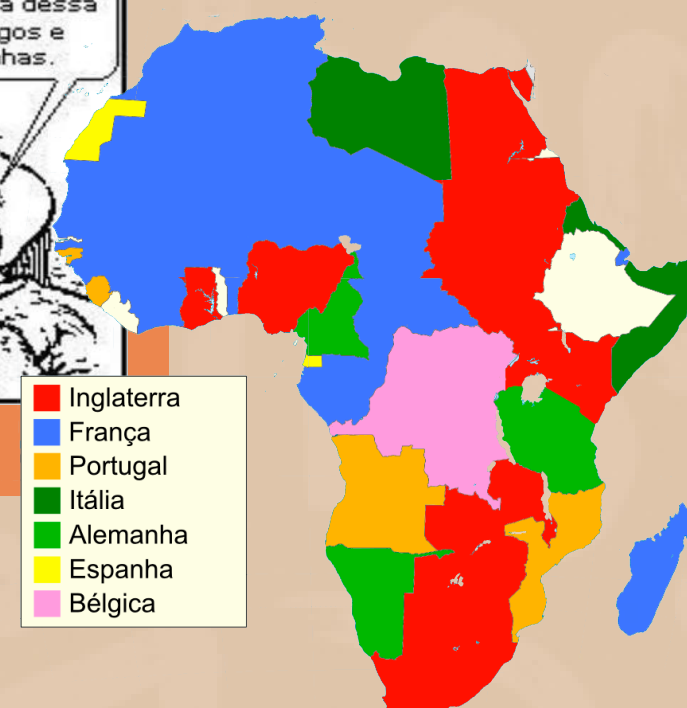


A justificativa dada por esses países colonizadores para a sua expansão sobre o continente africano, a partir do século XIX, foi a suposta necessidade de “civilizar” este território, o que incluía a imposição de suas religiões, culturas, línguas, hábitos, costumes, e visões de mundo, caracterizando um modo de colonização não apenas territorial, mas também cultural, subjetivo e epistêmico (referente aos saberes). A África se viu retalhada, subjugada e efetivamente ocupada pelas nações industrializadas da Europa. Essa voracidade exploratória do contexto colonial pode ser ilustrada abaixo.



Disponível em: brainly.com.br (2021).

O resultado da divisão dos territórios de África pelas potências europeias na conferência de Berlim pode ser ilustrado ao lado:



Como efeitos dessa história de dominação, a África vive hoje o processo do neocolonialismo, uma nova maneira de ser ocupada e explorada pelas antigas potências, através de acordos econômicos que reiteram o lugar dos países africanos como fornecedores de matéria-prima, sem valorização da sua capacidade de produção, de inovação e de tecnologia. Soma-se a isso o desafio enfrentado atualmente por países africanos em seus regimes governamentais internos.

Sobre os acordos econômicos, mencionamos o caso do Acordo de Cotonu¹, que ermitiu que mais de 47 países da África subsariana, que são considerados países em subdesenvolvimento, estabelecessem relações econômicas com os países da União Europeia com fins de apoiar o desenvolvimento dos países africanos. Esses acordos reiteram os sentidos eurocêntricos de desenvolvimento, atribuindo à África esse lugar econômico e simbólico de **subdesenvolvida**. Neste processo, nenhuma língua de origem africana foi oficialmente adotada para mediar tais relações, o que demonstra uma desvalorização da autonomia cultural e linguística africana.

Os antigos colonizadores, responsáveis pela construção de uma

imagem de África, estão retornando para o continente em uma corrida desenfreada, com o pretexto de ajudar no desenvolvimento através da celebração de acordos diplomáticos. Muitas vezes, essas formas de ajuda são unilaterais, sem considerar efetivamente os recursos e os interesses dos/as africanos/as.

Como podemos observar na imagem ao lado, trata-se de indagar a respeito dos sentidos de colaboração, cooperação e solidariedade. Essa mudança de visão sobre os países africanos passa pelo reconhecimento de sua agentividade, criatividade e riqueza, em atenção a esse grande passado africano, tido como berço do desenvolvimento da humanidade.



O que significa cooperação afinal?
Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/OvTirinhas/posts/2087924391349495/>>

¹ Ondjango é uma palavra da língua umbundu que significa lugar de encontro; é visto como espaço ontológico, existencial, dialógico, cultural, pedagógico, político e vital do grupo etnolinguístico ovimbundu.

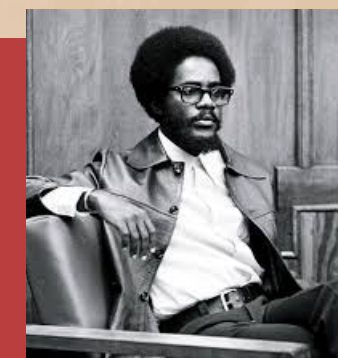
Sobre a história pré-colonial e contemporânea do continente africano, mencionamos a importância da publicação dos 8 volumes da História Geral da África (UNESCO), um projeto longo que levou 20 anos (1962-1982), composto por oito volumes, organizados por 39 estudiosos/as, sendo 2/3 africanos/as. O marco simbólico fundante da obra foi a realização do 1º Congresso Internacional dos Africanistas, em Gana, 1962. A coleção busca apresentar vozes que inscrevem uma visão ocupada com a perspectiva “africana” sobre África.



Coleção história geral da África
Fonte: Disponível em: www.unesco.org

Recomendação de conteúdo

Para uma maior discussão sobre o tema, recomendamos a obra “Como a Europa subdesenvolveu a África”, do historiador e pan-africanista guianense Walter Rodney, em 1974.



PAÍSES AFRICANOS QUE NÃO FORAM COLONIZADOS PELAS POTÊNCIAS EUROPEIAS

Fechamos este primeiro capítulo fazendo uma breve menção a duas nações africanas que conseguiram evitar o domínio colonial direto. Embora esses países não tenham sido colonizados, eles enfrentaram pressões e influências externas, sofrendo os efeitos indiretos do colonialismo vivenciado pelos países vizinhos.

Libéria

A Libéria é considerada o primeiro país africano independente, sendo fundada pelos chamados escravos libertos dos Estados Unidos, em 1822. Embora tenha sido colonizada de fato por escravos americanos repatriados, a Libéria manteve-se livre do domínio colonial europeu. Há aproximadamente 31 línguas faladas no país, tendo o inglês como línguas oficial.



Etiópia

A Etiópia é o único país africano que nunca foi formalmente colonizado. Durante o século XIX, o Império Etíope conseguiu resistir às investidas das potências coloniais europeias, como a Itália, que tentou invadir o país na época do colonialismo. Por esse motivo, permanece até hoje com a sua principal língua oficial que é amárico.



Sugestão de reflexão

Sugerimos que você faça uma avaliação sobre os estereótipos e imagens que a sua rede de relações compartilha sobre o continente africano. Peça a eles/elas que atribuam 5 adjetivos para este continente. Avalie essas valorações, se são positivas ou negativas, por exemplo. Após isso, abra um espaço de conversa sobre os preconceitos e estereótipos, mostrando como essa visão foi construída/inventada sobre o continente e ressaltando os pontos positivos e a realidade histórica multilíngue, multicultural e rica dos países africanos.

CAPÍTULO 2

A QUESTÃO HISTÓRICA DAS LÍNGUAS

As línguas africanas têm as suas próprias histórias, que muitas vezes servem como fontes para se estudar outros fenômenos, como aspectos culturais, sociais e filosóficos. As línguas são importantes porque elas operam como alicerces do pensamento, do conhecimento e das narrativas, podendo, também, identificar povos e agrupamentos sociais. Como vimos, as línguas em África são diversas, totalizando em torno de 2000. Dentre estas, apenas 50 são faladas por 500.000 falantes ou mais. A língua de menor número de falantes é a Hadza, falada pelo povo de mesmo nome, localizado na Tanzânia, totalizando cerca de apenas 200 falantes (BRITO, 2007).

Nos 54 países existentes no continente, a maioria conta com mais de 10 línguas nacionais, incluindo as suas variedades. As línguas oficiais dos países africanos são, em grande parte, línguas de origem europeia, as quais passaram por um processo de modificação e assimilação interna, apresentando influências das demais línguas nacionais ou locais.

Recomendação de conteúdo

Para uma pesquisa estatística das línguas, recomendamos o **Ethnologue.com**, um site de acesso gratuito. Segundo este site, há no mundo 7.189 línguas, sendo que 3193 estariam em situação de perigo de desaparecimento e 454 em processo de extinção.

[Clique aqui para acessar](#)

Recomendação de vídeo

Para conhecer um pouco mais sobre a diversidade linguística africana, recomendamos este vídeo:

Variedade linguística em África | Mwana Afrika Oficina Cultural



Mwana Afrika
@MwanaAfrika • 25,8 mil inscritos



Clique aqui para assistir

DAS LÍNGUAS MAIS FALADAS EM ÁFRICA

Abaixo destacamos as línguas que são consideravelmente as mais faladas em África. Elencamos apenas seis línguas, atentando para a sua importância política, social e cultural.

1º Swahili

É a língua bantu mais falada no continente, com aproximadamente 150 milhões de pessoas. É utilizada desde a África Central até a África do Sul, além da região dos Grandes Lagos. A origem da palavra 'swahili' vem do árabe e significa 'costa' ou 'litoral'. Para os povos que habitam ao longo da costa da Somália até Moçambique, o swahili é a sua língua materna. É língua oficial nos seguintes países:

Quênia, Ruanda, Tanzânia, Uganda e República Democrática do Congo. É uma das línguas de trabalho da União Africana.

Recomendação de vídeo

Para conhecer alguns elementos linguísticos da língua, recomendamos o vídeo:

Swahili, a língua africana mais falada | Mwana Afrika Oficina Cultural



Mwana Afrika
@MwanaAfrika



Clique aqui para assistir

2º Árabe

Há mais de 270 milhões de falantes de árabe no mundo, sendo que mais de 100 milhões são africanos, fato que ilustra algumas influências que foram moldando a vida do continente africano ao longo de muitos séculos. O árabe é falado na Etiópia, no Níger, no Senegal, na Tanzânia, no Egito, em Marrocos, na Tunísia, na Líbia, na Argélia e na Mauritânia. Há uma distância entre o árabe falado e o árabe escrito, sendo que a modalidade oral sofre grandes variações entre os países e a escrita tende a ser mais homogênea. Dentre as variedades do árabe, o árabe egípcio é o mais falado. Além do árabe, alguns países como Marrocos e Sudão têm outras línguas oficiais ou locais (nacionais), como língua berbere em Marrocos e as línguas núbias no Sudão. O árabe é uma das seis línguas oficiais das Nações Unidas (ONU), além do Inglês, Francês, Espanhol, Chinês e Russo. Para a religião islâmica, o árabe é considerado uma língua sagrada porque o Alcorão (o livro sagrado do Islã) é revelado em árabe.

3º Francês

A língua francesa chegou ao continente africano com a colonização, sendo falada por cerca de 90 milhões de pessoas. Há mais falantes de francês no continente africano do que na França. É língua oficial em Benim, Burkina Fasso, Costa do Marfim, Guiné, Mali, Níger, Senegal, Togo, Camarões, República Centro-Africana, República do Congo, Gabão, Guiné Equatorial e o Chade, Djibuti, Camarões e Madagascar.

4º Hauçá

O hauçá é uma língua afroasiática, falada na Nigéria e no Níger, e é ensinada juntamente com as respectivas línguas oficiais. Não é língua oficial em nenhum país, embora seja considerada uma das principais línguas africanas. Aproximadamente 80 milhões de africanos falam a língua hauçá. É nas regiões da África ocidental que o hauçá tem um papel cada vez mais significativo, sobretudo no comércio e na economia, o que faz também com que atualmente seja uma língua ensinada em algumas universidades internacionais. A escrita desta língua utiliza em grande medida o alfabeto latino.

5º Iorubá

O iorubá integra a família linguística nigero-congolesa. Cerca de 30 milhões de pessoas em África falam iorubá. É sobretudo na Nigéria, no Togo e no Benim que essa língua é falada no dia a dia. Ela também é falada pelos povos de Gana, Costa do Marfim, Serra Leoa e Libéria. O iorubá foi uma das línguas trazidas ao Brasil no período colonial, a exemplo da presença de sua influência em aspectos religiosos afro-brasileiros, como os candomblés e os nomes dos orixás.

6º Oromo

É uma língua de origem afro-asiática, falada por cerca de 30 milhões de pessoas, sendo a quarta língua mais falada no continente, após o árabe, o hauçá e o swahili. Muitos povos de África falam oromo, mas é sobretudo no Quênia, na Etiópia, no Egito e na Somália que o oromo está mais disseminado. Na Etiópia, é a língua nacional mais utilizada.

Para além dessas línguas, existem muitas outras em África. Grande parte das línguas africanas pertence à categoria de línguas bantu, da família linguística nígero-congolesa. As línguas bantu são faladas pelos povos localizados na região subsaariana. Há em torno de 440 a 680 línguas bantu. Contudo, nessa região subsaariana também há línguas africanas que pertencem a outras famílias linguísticas, embora em número reduzido. Por exemplo, no extremo sul do continente africano, existem as línguas san e as línguas hadzapi, que pertencem à família khoisan; e as línguas kwadi, que pertencem à família khoe-kwadi. Todas elas apresentam como característica comum o uso de cliques.

É importante refletirmos sobre o papel das classificações linguísticas no continente africano. Em relação às línguas, essa classificação se chama de genética, porque distribui as línguas através de famílias linguísticas. Para isso, são usados critérios estruturais. Vejamos um pouco mais sobre esse sistema classificatório.

DA CLASSIFICAÇÃO GENÉTICA DAS LÍNGUAS AFRICANAS

Para esse tipo de classificação linguística, as línguas são distribuídas em unidades hierárquicas, similar à organização de uma classificação biológica em espécies, gêneros e famílias, em que os membros do conjunto situado em um determinado nível se incluem em conjuntos de um nível superior. Essa classificação também poderia seguir o modelo de uma árvore genealógica.

As línguas africanas são classificadas em quatro famílias principais: Afro-Asiática, Níger-Kordofaniano, Nilo-Saariana e Khoisan. Veremos a seguir cada uma delas, de forma resumida.

Afro-asiática

Essas línguas, também chamadas de camito-semíticas, recobrem toda a África do Norte e parte do nordeste do continente (Etiópia, Somália). Algumas dessas línguas se estendem até a Tanzânia. O ramo semítico inclui línguas que abrangem quase todo o Oriente Médio. Em geral, considera-se que o afro-asiático compreende cinco divisões: o berbere, o egípcio antigo, o semítico, o cuxítico e o chádico.

Curiosidade

Você sabe qual é a diferença entre língua oficial e língua nacional?

Este estatuto é dado pela constituição dos países, sendo que a língua oficial é a língua obrigatória das instituições, incluindo a escola. A língua nacional carrega um significado cultural e identitário importante, embora nem sempre seja usada nas instituições do Estado e na escolarização formal, o que pode gerar exclusões e discriminações linguísticas. Em grande parte dos países africanos, as línguas oficiais são as línguas dos ex-colonizadores (inglês, francês e português); já as línguas nacionais são todas de origem africana.

Conheça as línguas mais faladas no continente africano no mapa ao lado.



Níger-Kordofaniano

Essa família possui dois ramos desiguais em número de falantes e em distribuição geográfica. O primeiro, níger-congo, engloba grande parte da África ao sul do Saara, incluindo quase toda a África Ocidental, partes do Sudão central e oriental. Outro ramo do níger-kordofaniano, o kordofaniano, se restringe a uma zona limitada da região do Kordofan no Sudão.



Nilo-Saariana

Essas línguas são faladas a norte e a leste das línguas níger-congo, predominando no vale superior do Nilo e nas porções orientais do Saara e do Sudão. Entretanto, possui um alongamento ocidental no Songhai, no baixo vale do Níger. Inclui um ramo extenso, o chari-nilo, que envolve a maior parte das línguas da família.

Khoisan

Todas as línguas khoisan possuem cliques entre as consoantes e a maioria de seus falantes pertence ao tipo san, como já mencionamos. A maior parte das línguas khoisan é falada na África do Sul. Entretanto, existem dois pequenos grupos de populações, os Hatsa e os Sandawe, situados na Tanzânia, cujas línguas diferem entre si e também das línguas do grupo da África do Sul.

Recomendação de conteúdo

Maiores detalhes sobre essa classificação podem ser lidos em: GREENBERG, J. Classificação das línguas da África. In: KI-ZERBO, J. História geral da África I: Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010. p. 317-344.

Essas classificações foram possíveis mediante uma compilação exhaustiva de dados empíricos, sendo que a primeira classificação mais robusta data do século XIX. Na história colonial houve registros dessas línguas pelos colonizadores: a título de exemplo, no início do século XVII vários pesquisadores portugueses observaram a semelhança entre as línguas de Moçambique, na costa oriental da África, e as de Angola e do Congo, a oeste, antecipando o conceito de uma família de línguas bantu que recobriria parte sul do continente. Também foram feitas descrições da língua amárica por Hiob Ludolf no século XVII na Etiópia, estabelecendo algum parentesco dessa língua com o hebraico, o aramaico e o árabe.

Importante registrar que essas classificações utilizam predominantemente elementos estruturais como critérios de agrupamento, deixando de fora importantes aspectos culturais, sociais e identitários. Essas classificações foram feitas por pesquisadores não-africanos, sendo que muitos dos registros prévios são oriundos do contexto colonial, especialmente das ações feitas por missionários cristãos, que buscavam aprender algumas línguas africanas para fins de evangelização. Com isso, as classificações genéticas, embora amplamente utilizadas, nem sempre são fidedignas às realidades socioculturais dos países africanos. Além disso, elas nem sempre captam os processos de deslocamento e migração das línguas (e sujeitos), que acabam produzindo influências mútuas.

MAPA LINGUÍSTICO DA ÁFRICA

Os mapas linguísticos visam representar as línguas na dimensão geográfica. A seguir seguem dois mapas ilustrativos dessa realidade em África: O primeiro apresenta a distribuição das línguas nos quatro principais grupos linguísticos mencionados acima. O segundo é um mapa etnolinguístico, em que as categorias de língua e de etnia se sobrepõem na definição de grupos sociais.

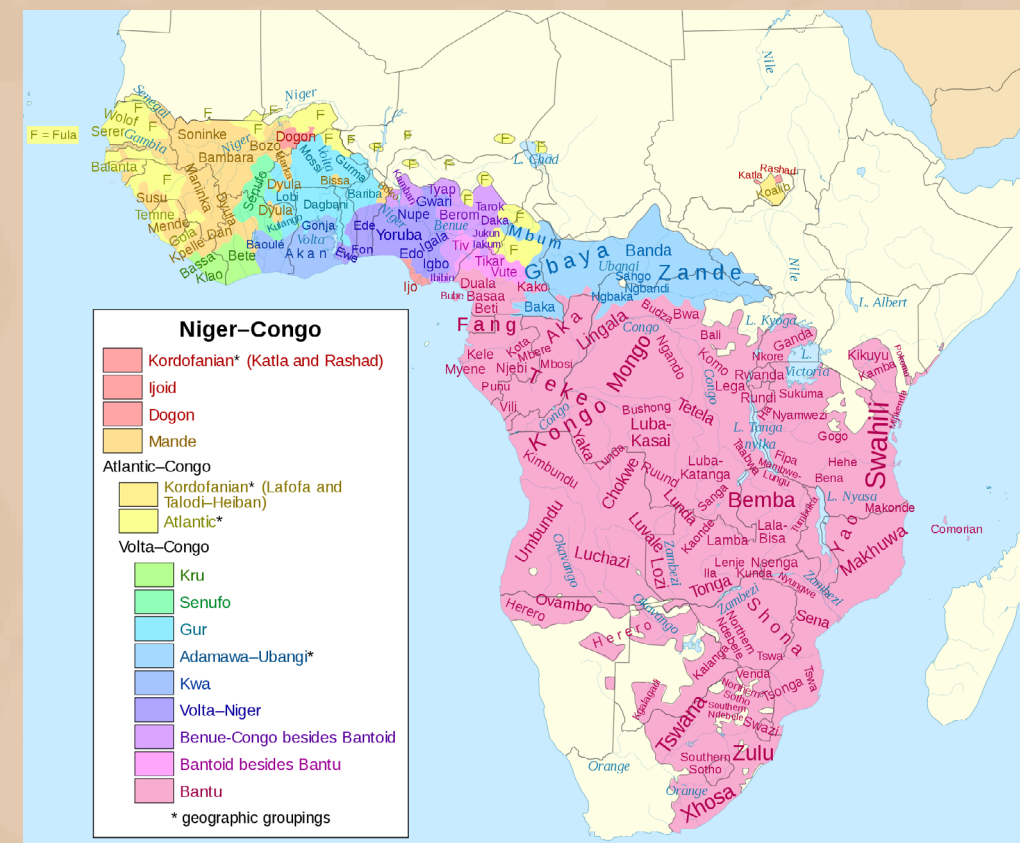
A etnia pode ser compreendida como uma categoria identitária importante, que agrupa pessoas em torno de elementos comuns, como línguas, costumes, crenças, religião, valores, origem e práticas. Assim como as línguas, não se trata de uma categoria fixa, uma vez que as pessoas e os grupos se deslocam e se transformam no decorrer do tempo e do espaço.



Fonte: [wikipedia.org/African language families](http://wikipedia.org/African%20language%20families).

A representação do mapa linguístico acima apresenta as quatro categorias de grupos linguísticos mencionadas anteriormente. Conseguimos notar uma presença forte das línguas bantu, especialmente nas regiões central e sul do continente. A principal característica estrutural dessas línguas seria o intenso uso de prefixos. Dentre as línguas bantu mais faladas está o swahili (suaíle), usada por cerca de 50 milhões de pessoas no mundo. Ela é língua oficial na República Democrática do Congo e em Uganda e língua de trabalho na União Africana. Destaca-se a grande influência que a língua swahili sofreu do árabe.

A seguir apresentamos, a título de ilustração, o mapa etnolinguístico das línguas níger-congo. Grande parte dessas línguas são de natureza tonal, ou seja, línguas cujos tons pronunciados carregam variações de sentido.



Mapa etnolinguístico da região subsaariana (línguas níger-congo)

Disponível em: wikipedia.org/wiki/Niger-Congo_languages

Importante mencionar que o mapa etnolinguístico da África não coincide necessariamente com a distribuição exata dos grupos étnicos, embora tal concordância possa ter ocorrido num passado remoto. Mas, durante um longo período, os antigos grupos étnicos se multiplicaram, migraram e se misturaram, não havendo coincidência direta entre os processos linguísticos e os processos étnicos.

Ressaltamos que os mapas linguísticos não possuem uma precisão absoluta, sendo apenas uma tentativa de se obter uma imagem de conjunto da distribuição e relação das línguas no continente africano. De forma hipotética, para que um mapa tivesse precisão absoluta, seria necessário que cada habitante do continente africano fosse representado por um ponto, sendo que esse ponto se moveria, indicando o deslocamento de cada indivíduo/língua no território, configurando, assim, mapas vivos e móveis. Dada a impossibilidade material de estabelecer tal representação, utilizamos essa forma de abstração para ter, ao menos, uma ideia visual da complexidade das línguas em África.

Recomendação de vídeo

Assista a uma apresentação da situação linguística de Moçambique, com enfoque no mapa linguístico do país:

DISTRIBUIÇÃO ETNOLINGÜÍSTICA DE MOÇAMBIQUE:

Línguas Bantu



Carlos Djive
@CarlosDjive • 10,2 mil inscritos



[Clique aqui para assistir](#)

AS HERANÇAS AFRICANAS NA LÍNGUA PORTUGUESA FALADA EM ÁFRICA E NO BRASIL

A língua portuguesa é oficial em seis países africanos: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Contudo, isso não significa que ela seja falada de forma majoritária em todos esses países. Como vimos no vídeo acima, em Moçambique, falantes de português como língua materna somam em torno de 16%. Isso significa afirmar que Moçambique é “politicamente lusófona e culturalmente bantófona” (Carlos Djive, vídeo). Além disso, a língua portuguesa convive com uma série de outras línguas, o que naturalmente produz influências e efeitos mútuos, em todos os níveis linguísticos: na pronúncia, no léxico, na gramática, nos usos, na comunicação e nos modos de compreensão do mundo. Podemos dizer que assim como existe o português brasileiro, há também o português angolano, moçambicano, e assim segue. Em todos esses contextos, a língua portuguesa passou por um processo de nativização, conforme nos informa a pesquisadora Inocência Mata:

“

Ela, a língua portuguesa, foi apropriada e nativizada e foi através dela que, sob a punção da aspiração emancipatória, se traçou o itinerário do despertar das consciências visando a afirmação identitária. (Mata, 2009, p.16).

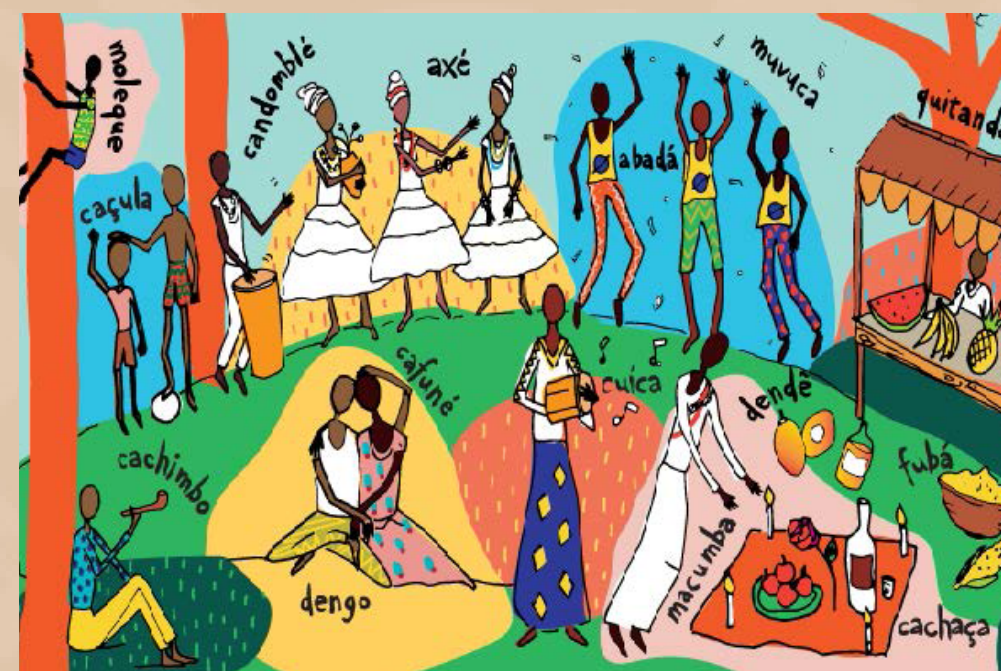
Recomendação de leitura

A pesquisadora Inocência Mata é natural de São Tomé e Príncipe, pesquisadora das literaturas africanas em língua portuguesa e escritora. Para uma leitura aprofundada da sua reflexão sobre o papel das literaturas na resistência, ver:

MATA, Inocência. No fluxo da resistência: a literatura, (ainda) universo da reinvenção da diferença. Gragoatá. Niterói, n.27, 2009. p. 11-31.



A título de exemplo das palavras comuns usadas no Brasil e em países africanos, apresentamos a imagem abaixo. Esse quadro nos faz pensar sobre como Brasil e o continente africano estão unidos historicamente.



Fonte: Ilustrado por Paula P. Rezende.
Disponível em: babel.com

Há vários motivos pelos quais estudar as línguas africanas pode ser importante e valioso. Aqui estão alguns deles:

1. Preservação do patrimônio cultural:

As línguas africanas são uma parte importante do patrimônio cultural do continente africano. Estudar essas línguas pode ajudar a preservar e manter viva a rica diversidade linguística e cultural da África.

2. Compreensão da história e da cultura africana:

As línguas africanas são uma janela para a história e a cultura do continente africano. Ao estudar essas línguas, podemos aprender sobre as tradições, valores, crenças e história das diversas comunidades africanas.

3. Comunicação com as pessoas africanas:

As línguas africanas são faladas por milhões de pessoas em todo o continente. Aprender uma língua africana pode permitir que você se comunique mais efetivamente com as pessoas africanas, aumentando sua compreensão mútua e facilitando as relações comerciais, políticas, culturais e sociais.

4. Benefícios educacionais:

O estudo de línguas africanas pode ter benefícios educacionais. Aprender uma língua africana pode melhorar a compreensão de outras línguas e culturas, bem como a capacidade de comunicação em geral. Há estudos que revelam que pessoas bí-multilíngues apresentam habilidades cognitivas que favorecem outros processos de aprendizagem.

5. Oportunidades econômicas:

O conhecimento de línguas africanas pode ser um ativo valioso em muitas áreas de trabalho, especialmente em empresas que operam na África ou em organizações que trabalham com comunidades africanas. Além disso, a demanda por especialistas em línguas africanas pode estar aumentando em algumas áreas, como tradução, interpretação e educação.

A importância da língua africana – para pessoas africanas e não-africanas – pode ser ilustrada pela defesa que o escritor e ativista linguístico Ngũgĩ wa Thiong’o faz das línguas:

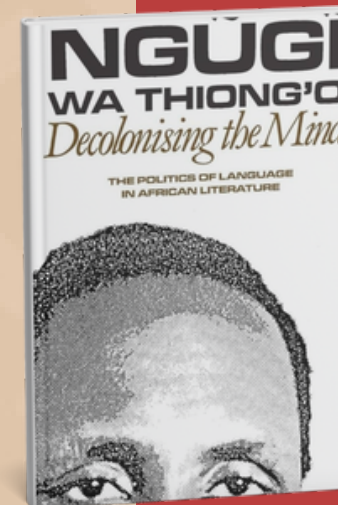
A língua carrega a cultura, e a cultura carrega, particularmente através da oratura e da literatura, todo o corpo de valores pelos quais vimos a perceber a nós mesmos e nosso lugar no mundo. Como as pessoas percebem a si mesmas afeta como elas veem a sua cultura, suas políticas, sua produção social de riqueza e toda a sua relação com a natureza e os outros seres. A língua é, portanto, inseparável de nós mesmos como uma comunidade de seres humanos com uma forma e um caráter específicos, uma história específica, uma relação específica com o mundo (WA THIONG’O, 1997, p. 16).

”

Conheça

Ngũgĩ wa Thiong’o: nascido no Quênia (1938-2025), é escritor, professor universitário e dramaturgo. Escreveu obras em língua inglesa e na língua gĩkũyũ. É um defensor da escrita literária em línguas africanas, como forma de valorização e defesa dessas línguas. Além disso, ele defende que a comunicação é a base da cultura, por isso a importância da transmissão oral na formação de uma sociedade e de sujeitos.

Para conhecer mais os trabalhos de Ngũgĩ wa Thiong’o, recomendamos a leitura da obra sobre o papel da língua no processo de descolonização da mente. Infelizmente, esta versão ainda não foi traduzida para a língua portuguesa. A referência em inglês é: Ngũgĩ wa Thiong’o. *Decolonising the mind: The politics of language in african literature*. Nairobi: EAEP, 1997.



Sugestão de reflexão



Sugerimos que você identifique uma lista de termos de origem africana existentes em músicas, textos literários, expressões do dia a dia. Tente identificar as origens linguísticas desses termos (línguas bantu ou línguas ioruba). Como orientação para a sua pesquisa com vocabulário, recomendamos o uso do dicionário de Nei Lopes: Novo Dicionário Bantu, reeditado pela editora Pallas em 2012.

Sugestão de reflexão

No mapa abaixo registre os nomes e cores dos lugares onde circulam as 6 línguas africanas mais faladas: swahili, árabe, francês, hauçá, iorubá e oromo. Escolha uma cor para cada língua e verique como essa representação linguística se aproxima ou se distancia dos mapas linguísticos apresentados. Reflita e discuta sobre essas representações.



CAPÍTULO 3

PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA (PALOP)

Os países africanos de língua oficial portuguesa, conhecidos também como PALOP, têm laços históricos e linguísticos com Portugal e Brasil, pois já foram colônias portuguesas na África e compartilharam o mesmo processo para se tornarem independentes. Hoje, eles formam uma comunidade de nações de língua portuguesa e cooperam em vários campos, como política, cultura e educação.

No total, existem seis países africanos onde a língua portuguesa é oficial:

1. Angola
2. Cabo Verde
3. Guiné-Bissau
4. Moçambique
5. São Tomé e Príncipe
6. Guiné Equatorial

É importante ressaltar que, além desses países, há também uma grande diáspora de pessoas originárias destas localidades em outras partes do continente africano, onde o português é falado como língua de trabalho, comércio e educação, como, por exemplo, em países como Senegal, Gana e Tanzânia.

COLONIZAÇÃO DOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUAS OFICIAL PORTUGUESA

A colonização dos países africanos de língua oficial portuguesa é um tema complexo e controverso. Durante séculos, Portugal exerceu uma forte influência em várias regiões do continente africano, deixando um legado histórico que ainda é sentido até hoje, principalmente o processo do tráfico de escravizados que deixou grandes sequelas nesses países.

Os principais aspectos desse período, desde as primeiras expedições portuguesas até a independência dos países africanos de língua portuguesa, estão relatados sucintamente abaixo. Contudo, importante relembrar que o continente africano, antes do período colonial, já apresentava uma história rica em termos culturais, religiosos, tecnológicos e linguísticos, como o Egito antigo, o Império de Gana e o Império de Mali.

As primeiras expedições portuguesas:

No século XV, Portugal iniciou uma série de expedições marítimas com o objetivo de estabelecer rotas comerciais com o Oriente. Durante esse período, os portugueses **descobriram** várias ilhas no Oceano Atlântico, bem como na costa da África Ocidental. Em 1482, os portugueses estabeleceram a primeira fortaleza na costa africana, chamada de Castelo de São Jorge da Mina, em Elmina, atual Gana. Essa fortaleza serviu como base para as atividades comerciais portuguesas na região. Em Angola, os portugueses chegaram em 1482, sendo que a cidade de Luanda foi apenas fundada em 1575, por Pedro Dias. Em Moçambique, Vasco da Gama chegou em 1498. A fortaleza de Sofala, primeira construção portuguesa da costa oriental africana, foi erguida em 1505 em Moçambique.

Sobre “descobriram”

Como já vimos, o mito do “descobrimento” é questionado por Mudimbe, na obra *A Invenção da África*. Segundo ele, esse mito encobre a existência de sistemas de pensamento, organizações sociais e línguas existentes neste continente. Diferentemente, o autor menciona a noção de “invenção”.

A colonização das ilhas

A colonização das ilhas do Atlântico começou no século XV, como a ilha da Madeira (1419), o arquipélago de Açores (em 1427), Cabo Verde (1460) e a ilha de São Tomé (1474). Essas ilhas foram ra-

pidamente colonizadas pelos portugueses e se tornaram um modelo estratégico do modo de colonização portuguesa a ser empreendido, com a exploração agrícola como carro chefe, com centralidade para o cultivo de cana-de-açúcar e a escravização. Na busca de uma rota para o Oriente, em 1498 Vasco da Gama chegou à Índia, expandindo o império português.

O comércio de escravizados:

O comércio de pessoas escravizadas foi uma das atividades mais brutais da colonização portuguesa na África. Entre os séculos XVI e XIX, milhões de africanos foram capturados e vendidos como **escravizados** para as colônias portuguesas na América. O tráfico de escravos foi responsável pela morte de milhões de africanos e teve um impacto profundo na história, cultura e memória dos países africanos e afro-diaspóricos. Para um estudo quantitativo da escravização, recomendamos o site slavevoyages.org, um

banco de dados digital que apresenta um memorial detalhado da história da escravização transatlântica. A título de ilustração, mencionados os dados abaixo sobre o quantitativo de pessoas traficadas no período de 1501 até 1866. Relembramos que em 1850 foi decretada no Brasil a Lei Eusébio de Queiroz, que proibiu o tráfico de escravizados neste país. A tabela traz informações cronológicas e geográficas sobre o destino das pessoas africanas.

Cultivo de cana-de-açúcar e a escravidão

Sobre o uso desses modelos exploratórios em países africanos e no Brasil por Portugal, recomendamos a obra:

ALENCASTRO, Luis Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

“Escravizados”

Optamos pelo uso do termo escravizado ao invés de escravo para desnaturalizar a ideia de escravidão e explicitar as relações de poder que essa prática envolvia.

Para uma análise sobre o uso desses termos em livros didáticos brasileiros, recomendamos o texto abaixo:

FERNANDES, S. de C. T.; SEVERO, C. G.; Representações sobre os africanos em livros didáticos brasileiros de história. In: LEITE, I. K.; SEVERO, C. G. (Orgs). *Kadila: culturas e ambientes - Diálogos Brasil-Angola*. São Paulo: Blucher, 2016, p. 395-410.

[Clique aqui para acessar](#)

	Spain / Uruguay	Portugal / Brazil	Great Britain	Netherlands	U.S.A.	France	Denmark / Baltic	Totals
1501-1525	6.363	7.000	0	0	0	0	0	13.363
1526-1550	25.375	25.387	0	0	0	0	0	50.762
1551-1575	28.167	31.089	1.685	0	0	66	0	61.007
1576-1600	60.056	90.715	237	1.365	0	0	0	152.373
1601-1625	83.496	267.519	0	1.829	0	0	0	352.844
1626-1650	44.313	201.609	33.695	31.729	824	1.827	1.053	315.050
1651-1675	12.601	244.793	122.367	100.526	0	7.125	653	488.065
1676-1700	5.860	297.272	272.200	85.847	3.327	29.484	25.685	719.675
1701-1725	0	474.447	410.597	73.816	3.277	120.939	5.833	1.088.909
1726-1750	0	536.696	554.042	83.095	34.004	259.095	4.793	1.471.725
1751-1775	4.239	528.693	832.047	132.330	84.580	325.918	17.508	1.925.315
1776-1800	6.415	673.167	748.612	40.773	67.443	433.061	39.199	2.008.670
1801-1825	168.087	1.160.601	283.959	2.669	109.545	135.815	16.316	1.876.992
1826-1850	400.728	1.299.969	0	357	1.850	68.074	0	1.770.978
1851-1875	215.824	9.309	0	0	476	0	0	225.609
Totals	1.061.524	5.848.266	3.259.441	554.336	305.326	1.381.404	111.040	12.521.337

Fonte: slavevoyages.org

O processo de independência de países africanos

O processo de independência dos países africanos de língua oficial portuguesa se intensificou em 1974, após a Revolução dos Cravos em Portugal. Durante esse período, os países africanos lutaram pela sua independência, muitas vezes através de conflitos armados. Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe conseguiram a independência em 1975. O debate sobre quais seriam as línguas oficiais e nacionais atravessaram esses processos de independência e nacionalização. Destacamos o envolvimento ativo dos povos africanos nas lutas de independência. Há uma intensa bibliografia literária, histó-

rica, política e filosófica sobre os efeitos desses processos na configuração das sociedades africanas contemporâneas.

Ao lado ilustramos a representação feita por um estudante africano sobre o debate envolvendo as línguas nos processos de independência.



LÍNGUAS CRIOULAS E NÃO CRIOULAS NOS PAÍSES DE LÍNGUAS OFICIAL PORTUGUESA

As línguas crioulas são variedades linguísticas que *surgem como resultado do contato entre uma língua dominante, como o português, e as línguas faladas por comunidades de origem africana, asiática ou ameríndia*. Nos países de língua oficial portuguesa em África, como Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e também em algumas regiões do Brasil, existe uma rica diversidade de línguas crioulas.

O termo **crioulo** também carrega uma memória colonial, sendo, muitas vezes, considerado pejorativo. Afinal, se as línguas crioulas são resultado de misturas entre línguas, há autores que defendem que todas as línguas seriam crioulas, pois todas elas passam por processos de mistura e mudança no decorrer do tempo. Um exemplo é o caso da língua portuguesa em relação ao latim e às influências que recebeu de outras línguas, como do árabe, em Portugal, e das línguas africanas e indígenas, no Brasil. Os crioulos são considerados línguas independentes, com gramáticas próprias e características distintas em relação à língua de origem. Eles se desenvolveram a partir do processo de colonização e escravização, quando pessoas de diferentes origens linguísticas foram forçadas a conviver e a se comunicar entre si e com os colonizadores.

Alguns países de língua oficial portuguesa possuem seu próprio crioulo, com variações regionais. Em Cabo Verde, por exemplo, o crioulo cabo-verdiano é amplamente falado e tem uma presença significativa na cultura e na identidade do país, sendo reconhecido como língua cooficial ao lado do português. O mesmo ocorre em outros países, como a Guiné-Bissau, onde o crioulo guineense tem um estatuto oficial. Muitas vezes, essas línguas são também nomeadas como língua cabo-verdiana e língua guineense, evitando, assim, o significado pejorativo do termo crioulo e fortalecendo a identidade nacional linguística desses países.

Recomendação de conteúdo

Para uma reflexão crítica sobre o uso do termo crioulo, recomendamos o texto abaixo:

DEWULF, Jeroen. E se todas as línguas fossem consideradas crioulas? Um olhar pós-colonial sobre a linguística. Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela, 2005. p. 305-312.

Clique aqui para ler

Apesar de sua importância cultural e histórica, as línguas crioulas enfrentam desafios em termos de reconhecimento oficial e preservação. O português é a língua oficial e de instrução nas instituições governamentais, educacionais e jurídicas, o que muitas vezes leva à marginalização e ao estigma das línguas crioulas. Além disso, a falta de recursos para o desenvolvimento de materiais educacionais e a ausência de políticas linguísticas adequadas dificultam a promoção e o fortalecimento das línguas crioulas. Trata-se de um exemplo de políticas linguísticas educacionais, que é um desafio enfrentado por todos os países africanos: qual é a língua da escolarizando, quando muitas vezes as crianças não são falantes da língua portuguesa como língua materna?

No entanto, ao longo dos anos, têm ocorrido avanços significativos no reconhecimento e na valorização das línguas crioulas. Por exemplo, em Cabo Verde, o crioulo cabo-verdiano é utilizado no sistema educacional em níveis iniciais de ensino, permitindo que as crianças tenham acesso à educação em sua língua materna. Além disso, pesquisas acadêmicas têm contribuído para a documentação e descrição das línguas crioulas, ajudando a fortalecer sua posição no contexto linguístico global. Em termos de literatura, a produção de obras em crioulo também tem se expandido. Escritores e poetas têm utilizado a língua crioula como meio de expressão artística, enriquecendo a diversidade literária dos países de língua oficial portuguesa.

Recomendação de conteúdo

Para uma reflexão sobre os desafios linguístico-educacionais em países africanos, recomendamos o livro abaixo:

SEVERO, C. G.; NHAMPOCA, E. C. BERNARDO, E. P. J. (Orgs.) Políticas linguísticas educacionais em contextos africanos. Belo Horizonte: Mazza, 2024. 208p. Disponível para acesso gratuito em:

Políticas linguísticas

Em suma, as línguas crioulas nos países de língua oficial portuguesa desempenham um papel importante na expressão da identidade cultural dessas nações. Apesar dos desafios enfrentados, o reconhecimento e a valorização das línguas crioulas têm aumentado, promovendo a diversidade linguística e cultural dessas regiões.

Línguas não criolas nos PALOP

Nos países africanos de língua oficial portuguesa, além dos crioulos, existem também as línguas não crioulas. Essas línguas são faladas por diferentes grupos étnicos e têm uma longa história de uso na região. *As línguas não crioulas são línguas autônomas, com suas próprias estruturas gramaticais, vocabulários e, em alguns casos, sistemas de escrita. Elas não são baseadas no português.*

Em Angola, as línguas não crioulas mais faladas são: umbundu, kimbundu, kikongo e cokwe. O umbundu é amplamente falado no sul de Angola, enquanto o kimbundu é predominante no noroeste e no centro do país. O kikongo é falado principalmente na região de Luanda, a capital, e o kikongu é comum na província de Cabinda. O cokwe é falado por uma comunidade étnica específica no leste de Angola.

Em Moçambique, as línguas não crioulas mais faladas incluem chewa, makonde, macua, sena e tsonga. O chewa é falado principalmente no norte do país, o makonde no nordeste, o macua no norte central, o sena no centro e o tsonga no sul.

Em Cabo Verde, além do crioulo cabo-verdiano, também se fala o português como língua oficial. O crioulo cabo-verdiano é amplamente utilizado na comunicação diária e nas interações informais, enquanto o português é mais utilizado em contextos formais, como na educação e na administração pública.

Na Guiné-Bissau, além do crioulo da Guiné-Bissau, também se fala uma variedade de línguas nativas consideradas também línguas não criolas, que são fula, mandinga, balanta e papel. O papel e o balanta são algumas das línguas étnicas mais faladas no país. O termo línguas étnicas, usado pelos próprios falantes, faz referência à dimensão simbólica e identitária dessas línguas, estando fortemente ligadas às culturas étnicas.

Em São Tomé e Príncipe, além do crioulo são-tomense, também se fala o português como língua oficial. O crioulo são-tomense é amplamente falado pela população, enquanto o português é usado na educação e na administração governamental.

Recomendação de conteúdo

Para um estudo sobre algumas obras das literaturas africanas de língua portuguesa, recomendamos o livro:

DEBUS, E.; SANTOS, Z. O. dos; BERNARDES, T. V. M. Para dar a conhecer as literaturas africanas de língua portuguesa para infância publicadas no Brasil: resenhas. Florianópolis: Cruz e Sousa, 2022. Disponível em:

[Clique aqui para ler](#)

Essas são apenas algumas das línguas não crioulas faladas nos países africanos de língua oficial portuguesa. Cada país possui uma diversidade linguística significativa, com várias línguas nativas que desempenham papéis importantes na cultura e na comunicação local.

Veremos a seguir a situação linguística e literária de cada país destes.

CABO-VERDE:

Cabo Verde é um país insular localizado na costa da África Ocidental, composto por nove ilhas habitadas. A capital é a Cidade da Praia, na ilha de Santiago. A segunda principal cidade do país é Mindelo, na ilha de São Vicente.

No que diz respeito à linguagem, o país tem duas línguas oficiais: o português e o crioulo cabo-verdiano. O português foi introduzido durante o período colonial pelos portugueses, enquanto o crioulo cabo-verdiano é uma língua originada da mistura entre o português e as línguas africanas. O português é a língua oficial usada no governo, na educação e na mídia. Embora seja amplamente falado em Cabo

Verde, é mais comum entre a população com educação formal, sendo considerada uma língua de prestígio.

O crioulo cabo-verdiano, ou língua cabo-verdiana, é a língua mais falada no país, sendo utilizada como língua materna por cerca de 95% da população. Embora haja diferenças entre as variações do crioulo falado em cada ilha, essa língua é geralmente compreendida e falada em todo o arquipélago.



Língua cabo-verdiana: exemplos

Como estás? – Modi ki bu sta?

Tudo bem? – Tudo dreto?

Onde vocês vão? – Undi nhós sta bai?

Que horas vais sair? – Ki hora ki bu ta sai?

Como te chamas? – Modi ki bu txoma?

Esta comida é saborosa – És komida sta sabi

Eu quero comer cachupa – N'kré kumi cachupa

Eu não quero mais, obrigada – N'ka kré más, obrigado(a)

Além dessas duas línguas, há também várias línguas africanas que são faladas em Cabo Verde, incluindo o wolof, o mandinga e o fula, entre outras. No entanto, essas línguas são faladas por uma pequena parcela da população e não são oficialmente reconhecidas pelo governo.

No campo da literatura cabo-verdiana, há uma rica tradição de escritores e escritoras que exploram tanto a língua crioula como o português como meio de expressão. A literatura cabo-verdiana reflete a diversidade cultural e a história complexa do país.

Autores/as mais conhecidos/as de Cabo Verde

No contexto da literatura em Cabo Verde, é importante mencionar o Movimento da Claridade. Surgido na década de 1930, esse movimento literário tinha como objetivo principal a valorização das culturas locais e a expressão das realidades da vida nas ilhas.

Baltasar Lopes

É considerado o pai da literatura cabo-verdiana moderna. Sua obra mais famosa é o romance "Chiquinho", publicado em 1947.

Manuel Lopes

Escritor e poeta, é conhecido por sua obra "O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo", publicada em 1991.

Germano Almeida

Vencedor do Prêmio Camões em 2018, é um dos autores mais reconhecidos de Cabo Verde. Seus romances, como “O Testamento do Senhor Napumoceno” e “A Ilha Fantástica”, retratam a vida no arquipélago.

Orlanda Amarílis

Autora e ativista, é conhecida por seus romances que exploram questões sociais e de gênero, como “A Casa dos Mestros”.

Corsino Fortes

Poeta e diplomata, sua obra poética é conhecida por abordar temas como identidade, liberdade e justiça social.

A literatura cabo-verdiana desempenha um papel importante na preservação da cultura e da história do país, além de contribuir para o enriquecimento do panorama literário africano e lusófono. Destacamos, também, a música com artistas como Cesária Évora, Mayra Andrade, Vado Más Ki Ás, Mika Mendes e William Araujo. Sugerimos uma pesquisa sobre suas canções, para que possam aprender com as letras e sonoridades cabo-verdianas.

Recomendação de vídeo

Para conhecer um pouco da língua cabo-verdiana, recomendamos este vídeo:

Frases e situações do dia a dia, em Crioulo.



kanal238

@canal238-ben • 1,23 mil inscritos



Clique aqui para assistir

GUINÉ-BISSAU:

Guiné-Bissau, como outros países africanos, é multiétnico e multilíngue, onde várias línguas étnicas são faladas. A capital é Bissau. Destaca-se o papel de Amílcar Cabral como liderança na Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC).



Mapa de Guiné-Bissau
Fonte: wikipedia.org/Guine-Bissau

A língua oficial do país é o português, legado colonial deixado pelos portugueses após a independência em 1973. No entanto, a grande maioria da população fala uma das línguas nacionais, que incluem a língua guineense (crioulo de Guiné-Bissau), o balanta, o mandinga, o fula, o manjaco, o papel, o bijagó e o mancanha. Abaixo trazemos uma pequena descrição de cada uma delas.

A **língua guineense**, ou **crioulo da Guiné-Bissau**, é a língua mais falada no país, sendo também usada como língua franca entre os diferentes grupos étnicos. É falada em comunidades de emigrantes guineenses em todo o mundo. É uma língua baseada no português, mas com influências africanas e europeias.

O **balanta** é uma das línguas mais faladas na Guiné-Bissau, principalmente na região sul do país. É uma língua tonal, com um sistema de três tons e é falada por cerca de 25% da população. O mandinga é falado por cerca de 11% da população e é também falado em países vizinhos, como o Senegal e a Gâmbia.

O **fula** é falado por cerca de 9% da população da Guiné-Bissau e é uma língua nígero-congolesa com um sistema de tons. É uma língua ampla-

mente falada em toda a África Ocidental e também é falada em países como o Mali, a Nigéria e a Guiné-Conacri.

O **papel** é falado por cerca de 7% da população e é uma língua que pertence ao grupo das línguas atlânticas, juntamente com o bijagó e o mancanha. É falada principalmente na região costeira da Guiné-Bissau.

O **bijagó** é falado por cerca de 3% da população e é uma língua falada pelos bijagós, o maior grupo étnico do país. É uma língua que usa um sistema de tons e é falada principalmente nas ilhas Bijagós, na costa da Guiné-Bissau.

O **manjaco** é falado por cerca de 4% da população e é uma língua tonal falada principalmente no noroeste da Guiné-Bissau. É uma língua que pertence ao grupo das línguas atlânticas, juntamente com o papel e o mancanha.

O **mancanha** é falado por cerca de 1% da população e é uma língua tonal que pertence ao grupo das línguas atlânticas, juntamente com o bijagó e o papel. É falada principalmente na região de Cacheu, no norte da Guiné-Bissau.

Em termos de literatura, a Guiné-Bissau tem uma tradição literária relativamente jovem, que se desenvolveu principalmente após a independência do país em 1973. A literatura guineense reflete as experiências históricas, sociais e políticas do país, abordando temas como a luta pela independência, o colonialismo, a identidade cultural e as questões sociais contemporâneas.

Autores guineenses notáveis incluem **Amílcar Cabral**, que foi um líder revolucionário e poeta, e é considerado uma figura central na luta pela independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde; **Abdulai Sila**, escritor e romancista; e **Odete Semedo**, poetisa e ensaísta.

A literatura guineense, tanto em português quanto em crioulo, desempenha um papel importante na preservação da cultura e na expressão da identidade guineense. É através da literatura que as vozes guineenses encontram espaço para contar suas histórias, compartilhar suas experiências e transmitir suas tradições e valores.

MOÇAMBIQUE

Moçambique é um país multicultural e multilíngue, com várias línguas e literaturas que refletem a diversidade étnica e cultural da nação. A língua oficial de Moçambique é o português, que foi herdado do período colonial, quando o país era uma colônia de Portugal. No entanto, além do português, existem mais de 20 línguas bantu reconhecidas em Moçambique. Além disso, cerca de 80% da população tem uma língua bantu como sua língua materna e menos de 20% da população fala português como língua materna.

Uma das línguas mais faladas em Moçambique é o changana, que pertence ao grupo das línguas bantu. O changana é falado principalmente na região sul do país, especialmente nas províncias de Gaza e Inhambane. Outras línguas bantu faladas em Moçambique incluem o ronga, o tsonga e o macua.

Cada uma dessas línguas possui sua própria literatura oral e escrita, transmitida de geração em geração. Antes da colonização, as histórias, mitos e tradições eram transmitidos oralmente. No entanto, com a introdução da educação formal pelos colonizadores, a literatura escrita em línguas locais também começou a se desenvolver.

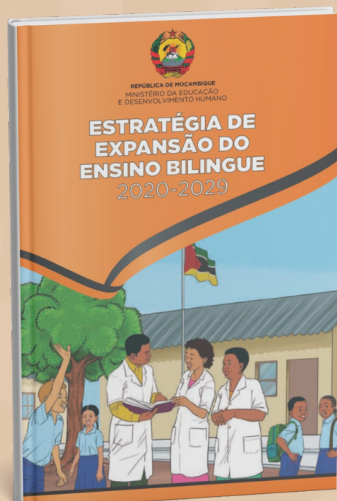
Na literatura moçambicana em língua portuguesa, destacam-se vários escritores renomados, como **Mia Couto**, **José Craveirinha**, **Paulina Chiziane**, **Noémia de Souza** e **Luís Bernardo Honwana**. Esses escritores retratam as realidades sociais, políticas e culturais do país, muitas vezes abordando temas como a luta pela independência, a guerra civil e as questões de identidade nacional.

É importante ressaltar que o reconhecimento e a valorização das línguas e literaturas locais em Moçambique têm sido uma preocupação crescente nos últimos anos. O país tem promovido esforços para preservar e promover a diversidade linguística e cultural, reconhecendo a importância dessas expressões para a identidade e o desenvolvimento da nação. Na esfera escolar, a Lei 18/2018 de 28 de Dezembro prevê que o ensino primário no país ocorra em duas modalidades (monolíngue e bilingue).



Diversas iniciativas têm surgido para fortalecer as línguas e literaturas moçambicanas, como a tradução de obras literárias para línguas locais e a promoção de programas de alfabetização nessas línguas. Além disso, festivais literários e eventos culturais têm sido realizados para celebrar a riqueza da diversidade linguística e literária do país. E estima-se que as línguas em Moçambique são faladas conforme as localidades provinciais. Veja o mapa ao lado.

No geral, o caso das línguas e literaturas em Moçambique reflete a complexidade e a riqueza cultural do país. A valorização e o fortalecimento das línguas locais e de suas literaturas são fundamentais para promover a inclusão, preservar a diversidade cultural e fortalecer a identidade moçambicana.



Recomendação de conteúdo

O plano estratégico de expansão do ensino bilíngue em Moçambique (2020-2029) tem sido um exemplo de política linguística educacional em prol da educação bilíngue.

[Clique aqui para ler](#)

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

São Tomé e Príncipe é um pequeno país insular localizado na costa oeste da África Central.

Possui uma rica diversidade linguística e cultural, influenciada por sua história colonial e pelos diferentes grupos étnicos presentes no país. As línguas oficiais de São Tomé e Príncipe são o português e o crioulo santomeense, conhecido como forro ou santomé, mas existem outras línguas (crioulas) faladas pelas comunidades locais, como o angolar, o lung'Ie, falado na ilha de Príncipe, além do crioulo cabo-verdiano. A língua forro, conhecida como língua de resistência no contexto colonial, é falada por cerca de 70% da população e utilizada em cerca de 80% das produções musicais. A língua lung'Ie, embora seja falada por uma parcela menor da população, tem sido sistematizada para fins educacionais. A padronização dessas línguas enfrenta desafios, especialmente devido a sua natureza tonal e acentual.



A língua portuguesa desempenha um papel importante na literatura de São Tomé e Príncipe. A influência da língua portuguesa remonta ao período colonial, quando Portugal governava as ilhas. A literatura escrita em português em São Tomé e Príncipe começou a ganhar destaque a partir do século XX, com autores como Alda do Espírito Santo, Conceição Lima e Olinda Beja. Os/as escritores/as exploram temas como a história colonial, a



Recomendação de conteúdo

Agostinho, Ana Livia. Lung'Ie, lunge no [recurso eletrônico]: método para aprender lung'Ie. São Paulo : FFLCH/USP, 2021.

[Clique aqui para ler](#)

luta pela independência, as tradições africanas, a vida nas ilhas e as questões sociais contemporâneas. A poesia tem uma presença significativa na literatura são-tomense, e muitos poetas são reconhecidos tanto a nível nacional quanto internacional.

Escritores/as de São Tomé e Príncipe incluem: Alda do Espírito Santo (O Jogral das Ilhas, 1976; É nosso o solo sagrado da terra, 1978), Conceição Lima (O útero da casa, 2004), Caetano da Costa Alegre, Guadalupe de Ceita, Mário Domingues (O Preto de Charleston, 1930), Olinda Beja (Bô Tendê?, 1992; Tomé Bombom, 2016) e Orlando Piedade (Escravos e Homens Livres, 2018).

Apesar dos desafios enfrentados pela indústria editorial e pela falta de recursos, a literatura em São Tomé e Príncipe continua a se desenvolver. Há uma geração emergente de escritores que estão explorando novas temáticas e estilos literários, e eventos literários são realizados regularmente para promover a literatura local.

GUINÉ EQUATORIAL:

A Guiné Equatorial é um país localizado na região da África Central e possui várias línguas e literaturas distintas. A capital é Malabo, localizada na ilha de Bioko.



A Guiné Equatorial tem três línguas oficiais: o espanhol, o francês e o português. O espanhol é a língua mais amplamente falada e é usado na administração pública, educação e nos meios de comunicação. O francês é usado em alguns setores, principalmente na educação. E o português é falado principalmente na região insular de Annobón. No entanto, a Guiné Equatorial também é lar de várias línguas étnicas. As principais são o fang, o bubi e o combe. O fang é falado pelo grupo étnico Fang, que é o

maior da Guiné Equatorial. O bubi é falado pelo povo Bubi, que é nativo da ilha de Bioko. O combe é falado pelo povo Combe, que habita principalmente a região sul do país.

Em relação às literaturas, a Guiné Equatorial tem uma rica tradição oral transmitida através de histórias, mitos, lendas e canções. No entanto, a produção literária escrita na Guiné Equatorial tem sido relativamente limitada, em parte devido a fatores históricos e políticos.

Uma das figuras literárias mais proeminentes da Guiné Equatorial é o poeta e escritor Juan Tomás Ávila Laurel. Ele é conhecido por suas obras que exploram questões sociais e políticas em seu país. Seu romance “Avión de Ricos” (Avião dos Ricos) é um exemplo importante de sua escrita crítica. Outro autor notável é Donato Ndongo-Bidyogo, que é conhecido por seus romances, poesia e ensaios. Ele aborda temas como identidade, colonialismo e autoritarismo em suas obras. Seu romance “Las tinieblas de tu memoria negra” (As Trevas da Tua Memória Negra) é considerado uma obra-chave da literatura guineense.

Destacamos, ainda, a forte presença de estudantes guineenses, angolanos, moçambicanos e caboverdianos no Brasil, fruto da política educacional brasileira de ensino superior, com a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (<https://unilab.edu.br/>) em 2010, com a missão de aproximar do Brasil as produções acadêmicas envolvendo os países/estudantes de língua portuguesa em África e Timor Leste. Com isso, muitos trabalhos têm sido produzidos e publicados por pesquisadores/as africanos/as no Brasil.

No capítulo a seguir, daremos uma maior atenção ao país angolano devido às relações históricas profundas que conectam Brasil e Angola.

Recomendação de conteúdo

Para uma história sociopolítica da língua guineense, recomendamos a tese de doutorado: DIAS, Christiane da Silva. “É proibido falar crioulo”: um relato etnográfico sobre colonialidade, ensino de língua e políticas linguísticas na Guiné-Bissau. UFSC, Florianópolis: 2021.

[Clique aqui para ler](#)

CAPÍTULO 4

ANGOLA

Angola localiza-se na região ocidental da África Austral, com uma superfície de 1.246.700 km². O país faz limite com a República do Congo e a República Democrática do Congo ao norte, com a República Democrática do Congo e a Zâmbia a leste, com a Namíbia ao sul e com o Oceano Atlântico a oeste. Angola é dividida em 18 províncias, entre elas Luanda, Huambo, Benguela e Moxico, sendo esta última a maior em extensão territorial. A capital é Luanda. Conta com uma população de 36 milhões de habitantes, sendo que mais de 60% reside nas áreas urbanas (2024). A taxa de alfabetização gira em torno de 75%. O país se destaca pelos recursos naturais, como petróleo e diamantes.

O caso das línguas em Angola e suas literaturas é complexo, assim como nos demais países africanos. A relação entre Brasil e Angola é historicamente profunda. Em termos quantitativos, nos séculos XVI, XVII e XVIII (slavevoyage.org) foram embarcados 3.617.889 de africanos oriundos da África Centro-Occidental – que engloba atuais Angola e Congo –, número que foi se intensificando a partir da primeira metade do século XVIII. No Brasil desembarcaram, neste mesmo período de tempo, 2.802.748 africanos escravizados, dos quais 1.135.024 foram destinados ao porto da Bahia, e 594.429 para o porto de Pernambuco. Esse quantitativo ilustra a relevância de aprofundarmos nosso olhar em Angola e nas heranças linguísticas que foram trazidas para o Brasil.



Assim como os demais países, Angola hospeda uma grande diversidade linguística e cultural. Existem cerca de 20 línguas faladas em todo o país. Estudos estão sendo feitos para, cada vez mais, identificar, documentar e valorizar as línguas existentes no país. O português é a língua oficial e a mais falada e utilizada na esfera pública, política, jurídica e educacional.

A constituição de Angola (2010), em seu artigo 19, propõe:

1. A língua oficial da República de Angola é o português.
2. O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional.

Além disso, o artigo 21 prevê como uma das tarefas do Estado:

Proteger, valorizar e dignificar as línguas angolanas de origem africana, como património cultural, e promover o seu desenvolvimento, como línguas de identidade nacional e de comunicação.

Antes da chegada dos portugueses, as línguas nativas eram faladas e utilizadas nas comunidades angolanas. Com a colonização, o português foi introduzido como língua de administração, ensino e comunicação oficial. Esse processo resultou em uma situação de diglossia, onde o português é a língua dominante nas esferas oficiais e formais, enquanto as línguas nativas são usadas principalmente em contextos informais e familiares.

Recomendação de conteúdo

Para conhecer mais sobre as províncias e cidades angolanas, recomendamos acessar o site do governo angolano, no qual há um mapa interativo. Basta clicar na localidade para acessar informações detalhadas.

governo.gov.ao/angola/mapa

Clique aqui para acessar

Recomendação de conteúdo

Para conhecer um pouco mais sobre a diversidade linguística angolana, recomendamos esta entrevista realizada com o professor de Línguas bantu Daniel Sassuco, da Universidade de Agostinho Neto (Luanda):

SASSUCO, Daniel Peres. Línguas atuais faladas em Angola: Entrevista com Daniel Sassuco. *Cadernos Textos de Debates*, NUER, n. 13, 2015.

Clique aqui para ler

Umbundu: falada no centro de Angola, é a segunda língua mais usada do país.

Kimbundu: falada na região de Lunda e em algumas áreas do norte e noroeste de Angola.

Kikongo: falada na região norte de Angola, perto da fronteira com a República Democrática do Congo e a República do Congo.

Cokwe: falada principalmente na fronteira com a Zâmbia.

Oshiwambo: falada na região do sul de Angola, perto da fronteira com a Namíbia.

Além dessas línguas, outras línguas nacionais incluem nganguela, kwanyama, luvale, nyaneka, herero, entre outras. A maioria das línguas de Angola pertence à família das línguas bantu, mas há também algumas línguas não bantu, como a língua khoisan.

O multilinguismo é uma realidade em Angola, sendo que muitas pessoas são bilíngues ou até mesmo multilíngues. A capacidade de falar várias línguas é valorizada e vista como um ativo importante em muitos setores, incluindo negócios, política e educação.

Outra questão linguística relevante em Angola é a promoção e preservação das línguas de origem africana. Algumas iniciativas têm sido tomadas para preservar e promover essas línguas, como a inclusão delas no currículo escolar e a criação de programas de rádio e televisão em línguas locais.



Mapa Etnolinguístico de Angola.
Fonte: SASSUCO (2015, p. 8).

Língua kimbundu

Dedicamos uma atenção especial à língua kimbundu. Segundo Yeda Pessoa de Castro, etnolinguista brasileira especialista nas heranças africanas na formação da língua portuguesa, esta língua teria sido a que mais influenciou a formação linguística do português brasileiro.

Em Angola, a língua kimbundu é falada por cerca de 2 a 4 milhões de pessoas. Essa língua também influenciou o português falado na capital do país, a cidade de Luanda. Segundo a linguista Amélia Mingas, algumas influências incluem aspectos fonológicos, morfossintáticos e lexicais.

Exemplos de palavras de origem kimbundu que foram transportadas para a língua portuguesa angolana incluem: *camba* (amigo), *cota* (alguém mais velho), *imbamba* (bagagens), *xingar* (insultar), *calunga* (mar), *cafune* (carinho), *caçula* (filho mais novo), *catanga* (mal cheiro), *bunda* (traseiro), *canjica* (tipo de comida), *nhame* (tubérculo), entre outros (MINGAS, 2000).

Língua umbundu

O umbundu é uma das línguas bantu mais faladas em Angola, por cerca de 23% da população, principalmente nas regiões do centro-sul do país. Na província de Benguela, há uma significativa população de falantes de umbundu, e é possível encontrar escolas e organizações que oferecem ensino da língua.

Uma das iniciativas que vem ganhando destaque na região é o projeto “Ondjila”, que tem como objetivo promover a cultura e a língua umbundu. O projeto oferece cursos de língua e cultura para crianças e adultos, além de promover atividades culturais e eventos para disseminar a língua e a cultura umbundu.

Além disso, há escolas que incluem o ensino do umbundu em sua

Recomendação de conteúdo

Para maiores detalhes sobre a formação do português brasileiro e as heranças africanas, especialmente de origem bantu, verificar o volume 2: PONSÓ, L. C. Cultura afro-brasileira e ensino de linguagem Volume 2. Florianópolis: UFSC/CCE/ PoLiTiCas, Caroba Produções, 2025.

Disponível no site do grupo PoLiTiCas
(politicasinguisticas.ufsc.br).

Clique aqui para ler

grade curricular, como a Escola Superior Pedagógica de Benguela, que oferece cursos de formação de professores de línguas nacionais, incluindo o umbundu. Também existem escolas primárias que oferecem aulas de umbundu como disciplina opcional.

Criação de sistemas de escrita e a toponímia angolana

Importante ressaltar que o processo de sistematização de uma língua de tradição oral para a escrita não é simples. Ela envolve uma profunda discussão sobre os sistemas ortográficos que serão utilizados para representar aquela língua.

O tema da harmonização das ortografias entre as línguas africanas é complexo e alvo de intensos debates. Esse sistema ortográfico inclui, por exemplo, o modo de grafia das palavras. Em Angola, a Resolução nº 3/ 87 de 23 de maio aprovou, a título experimental, os alfabetos das línguas nacionais kikongo, kimbundu, cokwe, umbundu, mbunda e oxikwanyama, e as suas respectivas regras de transcrição. Contudo, devido a pouco avanço obtido nessa questão, foi proposto, em 2013, o projeto Harmonização Ortográfica das Línguas Nacionais de Angola, uma nova tentativa de conciliar a questão ortográfica em Angola.

Em Angola adota-se o uso de k, w e y para representar os sons que, em português, seriam escritos com c/qu, u e i, respetivamente. Exemplos incluem os termos kimbundu (ao invés de quimbundu), kwanza (ao invés de Cuanza), Kwandu (ao invés de Cuandu) e Kisama (ao invés de Quissama).

Já a proposta de alfabeto para a língua umbundo é descrita abaixo. Nota-se sua especificidade, em atenção à dimensão tonal da língua (JIMBI; SICALA, 2020):

Maiúsculas

A B Ç Ć D E F G ħ Ğ H I J K L M N Ñ O P S Š T U V W X Y

Minúsculas

a b ç ĉ d e f g ģ ģ h i j k l m n ñ o p s š t u v w x y

Esse desafio envolvendo o sistema ortográfico angolano é visível na toponímia adotada no país. A toponímia trata da nomeação de lugares e espaços geográficos. É o caso de nome de cidades, províncias, acidentes geográficos, povoações, entre outros. Abaixo é possível visualizar alguns exemplos da toponímia angolana, com enfoque nos termos de origem kimbundu.

Topônimo	Forma original	Significado
Cabombo	Kambombo	mandioca demolhada
Cajimbinza	Kajimbinza	camisa
Caluhia	Kaluhia	espécie de planta
Camatemo	Kamatemu	enxadas
Cambaxe	Kambaxi	cágado
Camilemba	Kamilemba	espécie de árvore típica da região
Camilungo	Kamilungu	espécie de planta, ervamoira
Camueia	Kamweya	espécie de árvore frutífera
Camueje	Kamweji	luar
Cassefo	Kasefu	espécie de animal ruminante bovídeo
Cassequele	Kasekele	areia
Catende	Katende	lagartixa
Cauenda	Kawenda	pau-de-fileira, cumeeira
Dimba	Dimba	instrumento musical da região
Fumba	(Ku)Fumba	dar algo menos do que o devido; prejudicar
Gumba	Ngumba	filho único
Guvo	Nguvu	hipopótamo
Lau	Lahu	lagarto
Lombe	Kulombela	rogar
Luma	Luma (kuluma)	rumor de chuva, ribombar
Malanje	Malanji	pedras
Micanda	Mikanda	cartas

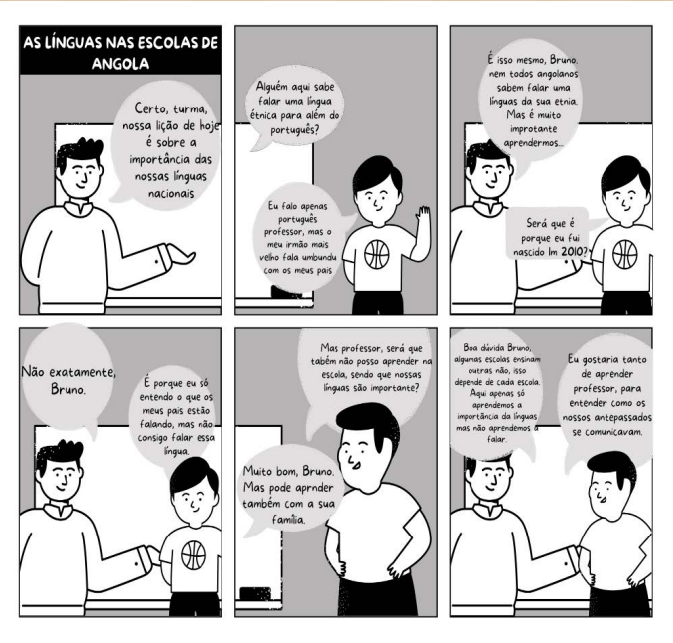
Topônimo	Forma original	Significado
Muongo	Mukongo	caçador
Ndeia	Ndeya	corruptela de aldeia
Ngola Luije	Ngola Lwiji p	pedaços de ferro - rio
Pombo	Pombo	macaco
Quiala	Kyala	homem
Quifucussa	Kifukusa	significado incerto
Quihunga	Kihunga	espécie de inseto
Quima	Hima	macaco
Quimaco	Kimaku	sinal, ponto de referência
Quimbamba	Kimbamba	carga, bagagem
Quimonha	Kimonya	preguiçoso
Quingungo	Kingungu	eco

Registre-se que a manutenção de uma grafia que respeite as singularidades das línguas angolanas de origem bantu representa uma forma de reconhecimento e valorização dessas línguas e das nomeações dadas pelas próprias comunidades e populações locais.

Processo educativo e as línguas angolanas

É importante ressaltar que a valorização e o ensino das línguas nacionais é uma forma de promover a diversidade cultural e a inclu-

são social. O ensino das línguas angolanas de origem bantu nas escolas varia de acordo com a região. Em algumas áreas, as escolas oferecem aulas de língua materna, que podem ser ministradas por professores locais que falam a língua (esse caso é difícil de se ver). Em outras áreas, as escolas ensinam apenas português. Esta iniciativa está prevista na Lei de Bases do Sistema de Educação,



O processo educacional deve estar atento para iniciativas de educação bilíngue. Essa educação tem como objetivo principal promover o desenvolvimento de habilidades linguísticas em mais de uma língua, possibilitando que o estudante se comunique tanto na sua língua materna, como na língua oficial do país.

A partir da década de 1990, foram implementados projetos de educação bilíngue em algumas regiões do país, com os objetivos de preservar as línguas e culturas locais e de promover não apenas o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos estudantes, mas também de habilidades cognitivas e sociais. Ao aprender duas ou mais línguas, os estudantes têm a oportunidade de ampliar seus horizontes e conhecer diferentes culturas, além de se comunicar com pessoas de diferentes regiões e países. A educação bilíngue também é importante para a promoção da equidade linguística e educacional, garantindo que os estudantes tenham acesso igualitário às oportunidades de aprendizagem.

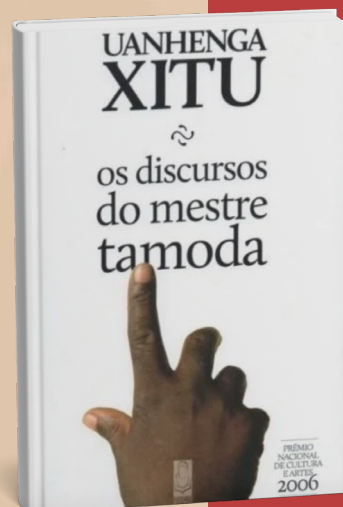
A implementação da educação bilíngue em Angola enfrenta alguns desafios, como a falta de materiais didáticos adequados, a falta de professores qualificados para o ensino em duas línguas e a falta de recursos financeiros para a implementação de programas de educação bilíngue em todo o país. Além disso, a educação bilíngue enfrenta desafios culturais, como a resistência de algumas comunidades em relação ao ensino de línguas nativas, a falta de reconhecimento oficial de algumas línguas locais e a falta de apoio das autoridades governamentais.

Literaturas angolanas e seus autores e autoras

Quanto à literatura, o desenvolvimento das literaturas angolanas ocorreu principalmente em língua portuguesa, uma vez que é a língua de instrução nas escolas e a língua oficial do país. A literatura angolana escrita em português tem uma rica tradição que remonta ao período colonial, com autores como Luandino Vieira, Pepetela e José Eduardo Agualusa, entre outros.

A formação da literatura angolana como marca de uma identidade nacional ocorre mais intensamente após os processos de libertação e independência, em 25 de abril de 1974. Um pouco dessa história pode

ser compreendida através das páginas literárias, as quais permitem perceber que a resistência à dominação política portuguesa foi sendo construída primeiramente pelas contribuições individuais, por vezes solitárias, depois pelas de pequenos grupos, até a consciência de um “nós” angolano.



Um exemplo de literatura angolana é o escritor Uanhenga Xitu, pseudônimo de Agostinho André Mendes de Carvalho (1924-2014), que começou a escrever a obra *O Mestre Tamoda* durante a década de 1970, sendo publicada em 1977. Essa obra apresenta uma crítica perspicaz ao uso de um português empolado e cheio de erros para impressionar pelo Mestre Tamoda, um intelectual de fachada. Critica-se a falsa erudição e o carreirismo.

Uma obra literária que retrata as transformações ideológicas e emocionais de personagens que viveram os anos revolucionários e se desencatarem politicamente é *A geração da utopia* (2024), escrita por Pepetela, nascido em 1941, em Benguela. Em 1997, este autor recebeu o prêmio Camões, em reconhecimento ao conjunto de sua obra.



No entanto, também existe uma produção literária em línguas nativas angolanas, embora em menor escala. Alguns autores têm explorado a escrita nessas línguas, incorporando elementos culturais e tradições locais em suas obras. Essa produção literária em línguas angolanas de origem bantu contribui para a preservação e revitalização das línguas angolanas, além de oferecer uma perspectiva única sobre a experiência angolana.

Autores e autoras angolanos/as

José Eduardo Agualusa (1960-): é um autor angolano muito respeitado em todo o mundo. Seus romances frequentemente misturam história e ficção, e tratam de questões como a guerra civil de Angola e a vida nas cidades do país. Alguns de seus trabalhos mais famosos incluem “O Vendedor de Passados” e “Teoria Geral do Esquecimento”.

Luandino Vieira (1935-): é considerado um dos pioneiros da literatura angolana moderna. Seus trabalhos frequentemente tratam de questões políticas e sociais, incluindo o impacto do colonialismo em Angola. Alguns de seus trabalhos mais famosos incluem “A Vida Verdadeira de Domingos Xavier” e “Luanda, Lisboa, Paraíso”.

Agostinho Neto (1922-1979): além de escritor, foi o primeiro presidente de Angola após a independência. Escreveu “Sagrada esperança” e “Quem me dera ser onda”. É conhecido como Pai da Nação Angolana e seu nome batiza uma série de instituições públicas.

Ondjaki (1977-): Autor de “Os da minha rua”, “Avó Dezanove e o segredo do soviético” e “Quantas madrugadas tem a noite”.

Arnaldo Santos (1935-): Autor de “O segredo da morte”, “O leito da seca” e “A paisagem violenta”.

Ana Paula Tavares (1952-): Autora de “Dizes-me coisas amargas como os frutos”, “O lago da lua” e “Eu não sou daqui”.

Oralidade e educação tradicional em países africanos

O conceito de educação em contextos africanos não pode ser tomado de sinônimo da escolarização imposta pelos modelos europeus. A chamada educação tradicional, por exemplo, se baseia em princípios e valores que são compartilhados pelas diversas comunidades. Assim, um dos desafios educacionais dos países africanos, e de Angola também, é lidar com a relação entre a escolarização formal, moldada e organizada pelo Estado (em que a língua portuguesa é instrumento hegemônico de ensino) e as concepções locais e tradicionais.

Recomendação de conteúdo

Para conhecer mais sobre as propostas contemporâneas decoloniais de educação em países africanos, recomendamos as seguintes leituras, de acesso gratuito:

SEVERO, Cristine Gorski; NHAMPOCA, Ezra Alberto Chambal; BERNARDO, Ezequiel Pedro José. Políticas linguísticas educacionais em contextos africanos [Livro Eletrônico; acesso livre]. Belo Horizonte, MG : Mazza Edições, 2024.

SEVERO, Cristine Gorski; NHAMPOCA, Ezra Alberto Chambal. Políticas linguísticas educacionais em contextos multilingues africanos. Revista Letras, n. 105, p. 29-44, 2022.

Um exemplo de valores que são compartilhados na concepção de educação é o conceito de **Ubuntu**, que representa uma matriz ética e filosófica africana que valoriza a interdependência, a coletividade e a convivência harmoniosa entre os membros da comunidade. Traduzido pela expressão “**Eu sou porque nós somos**”, Ubuntu envolve uma forma de viver que conecta as pessoas entre si e com o cosmos, sendo praticada nas sociedades africanas muito antes da chegada do colonialismo e do cristianismo. A educação tradicional africana, baseada nesse princípio, envolve, por

exemplo, a transmissão intergeracional de saberes através da oralidade, de provérbios, canções, narrativas e outras práticas culturais, destacando o papel dos mais velhos como bibliotecas vivas. Essa educação é comunitária, contínua e inseparável da cultura local, promovendo valores como respeito, solidariedade, justiça e empatia.

Apesar dos impactos da colonização e da imposição da educação formal ocidental, que muitas vezes desvalorizou e silenciou os saberes tradicionais, houve tentativas de reafricanização da educação, como no caso de Julius Nyerere, que incorporou valores do Ubuntu em políticas públicas e educacionais na Tanzânia. Hoje, a valorização do Ubuntu ressurge como uma resposta decolonial que contribui para repensar os processos educativos, propondo uma educação mais contextualizada e alinhada aos modos de vida africanos. A articulação entre educação escolar e educação tradicional pode tornar o ensino de línguas e saberes mais significativo, respeitando a diversidade linguística e cultural dos povos africanos e promovendo uma aprendizagem ancorada em práticas comunitárias, afetivas e espirituais (SEVERO et al., 2024).

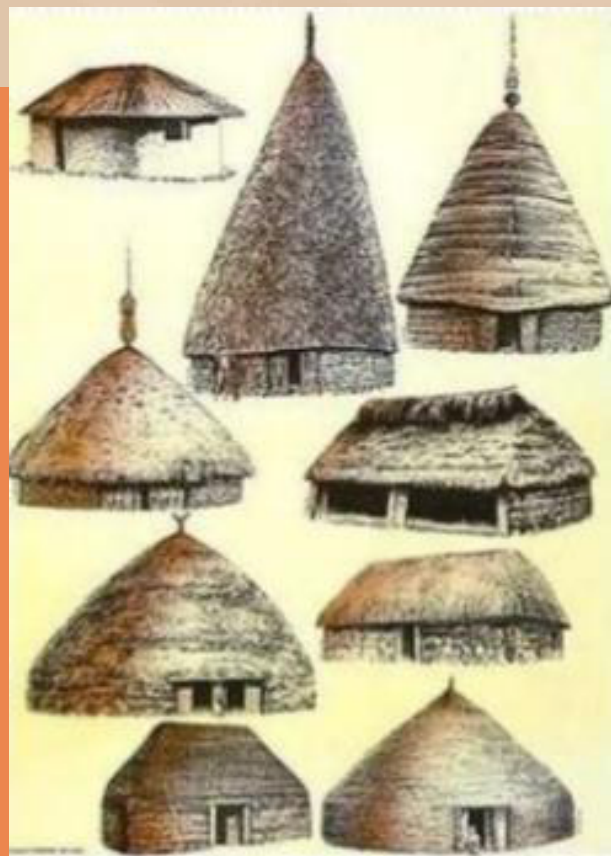
Em Angola, por exemplo, existem várias maneiras de transmitir conhecimento ou de promover a educação, em vários espaços de interação sociocultural, principalmente através da oralidade. E isso varia

consoante as diferenças relacionadas ao espaço geográfico e ao grupo étnico de cada região, como podemos observar nas imagens a seguir:



A imagem que aparece na figura acima, trata de lugares ou espaços que são comumente chamados de ondjango na cultura do povo Ovimbundu², onde ocorrem diferentes tipos de reunião, segundo as necessidades da vida social. Abaixo observa-se outros formatos o espaço referido.

² Os Ovimbundu ocupam uma grande área no centro ocidental do país (Angola) e estendem-se desde o litoral até às regiões montanhosas de Benguela. Conhecidos como povo das montanhas e falantes nativos da língua umbundu.



Esses espaços, que por um lado representam patrimônios culturais dos angolanos, são tidos como lugares onde ocorre a transmissão oral de saberes através dos mais velhos, que contam histórias e passam ensinamentos relacionados à realidade da comunidade. A literatura oral ovimbundu se desenvolve geralmente nesses espaços. Podemos considerar muito difícil falar de educação através da oralidade tradicional em Angola sem mencionar os modos como os espaços e os tempos são organizados e pensados pelas comunidades.

Assim, a vida social de muitas comunidades ditas tradicionais compreende o

compartilhamento de códigos de conduta, modos de interlocução e configurações discursivas próprias, geralmente fazendo uso de línguas angolanas africanas. A educação promovida nesses espaços geralmente ocorre por meio de vários gêneros orais. Exemplificamos esses gêneros orais com os provérbios.

Os provérbios são expressões populares de origem anônima que transmitem conselhos ou lições de vida baseadas no senso comum. São frases curtas e diretas que sintetizam experiências cotidianas e funcionam como formas de aconselhamento ou advertência, dispensando explicações longas. São transmitidos geracionalmente, fortalecendo os laços afetivos, simbólicos e culturais entre as gerações. Com forte valor simbólico e cultural, esses enunciados orais passam de geração em geração, preservando tradições e ensinamentos. Eles fazem parte de um sistema de crenças e moldam comportamentos, refletindo o contexto social de uma comunidade. Quando utilizados, os provérbios consideram o público-alvo, e dentro de uma mesma cultura, sua interpretação é imediata, sem necessidade de explicação adicional. (BÂ, 2010; BERNARDO, 2019). Como ensina o grande estudioso de tradição oral no continente africano, Amadou Hampâté Bâ (2010, p. 183), “Os provérbios são as missivas legadas à posteridade pelos ancestrais. Existe uma infinidade deles.”

Amadou Hampâté Bâ (1901-1991) nasceu em Mali e foi um grande conhecedor e defensor das tradições orais africanas. Realizou uma grande coleta, transcrição e estudo desses saberes orais que foram transmitidos através de pessoas sábias – chamadas de griôs. Os griôs carregam consigo o papel de preservação e transmissão de memórias orais, sendo grandes memorialistas e tradicionalistas. Hampâté Bâ se especializou no contexto das comunidades e povos da África Ocidental e escreveu, entre outros, a obra *Amkoullel*, o Menino Fula. Esse estudioso também exerceu carreira diplomática relevante e atuou na produção da coleção *História Geral da África*, produzida pela UNESCO. Ele é conhecido por sua frase: “Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”.



A seguir, apresentamos alguns exemplos de provérbios em duas línguas angolanas: kimbundo e ambundu.

Em língua kimbundo, temos os seguintes exemplos (BERNARDO, 2019, p. 124-125):

Watónó, dya: kwalunga kwenye kudya. Anga: Watónó, mona: kwalunha, kwalunga kwenie kumona. Anga: watónó, dya: kubadikinya kima ki nangye.

Tradução literal – Se estás acordado, come: no além, não há comida. Ou: Se estás acordado, vê: no além, não há vistas. Ou: Se estás acordado, come: O pestanejar é coisa breve.

Lição de moral – Não vale a pena sacrificar a vida para amontoar dinheiro.

A mubana ó kubaka, a mutala ku muxima.

Tradução literal: A quem se dá a guardar, repara-lhe no coração.

Lição de moral: Para confiar em alguém, importa conhecer o seu caráter.

Kyabi, kibitula kimbambule.

Tradução literal: O maduro contagia o verde.

Lição de moral: Certos vícios se adquirem por influência das más companhias.

O kixinda ki ala mu mazunu, akibemba; o malonga wala mu tulu a uzwela.

Tradução literal: A meleca que está no nariz, assoa-se; o ressentimento que está no peito, revela-se.

Lição de moral: O desabafo mitiga a dor.

Tu dyijya jipolo, tu dijiwetu mixima.

Tradução literal: Conhecemo-nos pelas caras, não nos conhecemos pelos corações.

Lição de moral: As aparências iludem.

Ná língua **umbundo**, temos os seguintes exemplos, coletados a partir da experiência linguística de um dos autores da cartilha:

Ya ndindima yiloka eveke

Tradução literal: Chuva que troveja quando cai só molha o tolo.

Lição de moral: Se vires um perigo debes fugir, para não te causar sofrimento.

Cakuloka ombela, ove otyapula olume

Tradução literal: O que te molhou é a chuva, mas tu castigas o orvalho.

Lição de moral: Quem te puniu foi o grande, mas tu te vingas no pequeno.

Anjamba lima cukwene acoveko

Tradução literal: Oh elefante trabalhe, do outro não é seu.

Lição de moral: Não é porque o nosso pai tem riqueza que deixamos de trabalhar.

Ukwene nda otehã ove liseya momo ngolo la ngolo ka calisokele

Tradução literal: Se o outro pula, tu te arrastas, porque os joelhos não são iguais.

Lição de moral: faça as coisas dentro das tuas possibilidades e oportunidades que a vida te oferecer.

Ukwene nda wa kwimbila ombunje momo wa ku mwilã lokuyakela

Tradução literal: Quem te passa a bola é porque sabe que você é capaz de agarrá-la.

Lição de moral: Se alguém hospedar-se em tua casa, é porque tem confiança em ti.

Sugestão de reflexão

Sugerimos que você pesquise e identifique uma lista de provérbios africanos. Reflita sobre os significados que eles transmitem e averigue se há afinidades com ensinamentos e modos de ver o mundo compartilhados no Brasil.

Sugestão de reflexão

Clique no site da pesquisadora e linguista angolana Amélia Mingas (1940-2009) e acesse a obra “Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda”.

Disponível em: <https://ameliamingas.org/publica>

Identifique no capítulo IV alguns exemplos de palavras usadas no português falado em Luanda, que sofreram influência do kimbundu.

Em sua pesquisa, você também pode buscar semelhanças com o contexto brasileiro. Para isso, recomendamos acessar o novo dicionário banto, do pesquisador Nei Lopes.

PALAVRAS FINAIS

O continente africano abarca uma riqueza cultural e linguística impressionante. Esse multilinguismo africano tem também recebido algumas designações e interpretações próprias.

Primeiramente, vale ressaltar que o multilinguismo não é a soma de línguas, mas compreende um repertório complexo de práticas de linguagem que incluem o uso não apenas dos códigos linguísticos das línguas nomeadas, mas a mistura de sons, gestos, elementos visuais, pronúncias, termos, expressões em prol da produção da comunicação. Neste contexto multilíngue, muitas vezes fica complicado definir as fronteiras de uma língua, uma vez que os/as falantes geralmente intercam-biam uma série de línguas – a língua materna, a língua oficial, uma língua internacional, etc. (PENNYCOOK; MAKONI, 2020). Muitas vezes, os/as falantes dominam mais de uma língua materna – a língua do pai e a língua da mãe – e incorporam esse repertório na sua aprendizagem da língua oficial, geralmente em contexto escolar.

Um exemplo interessante é o conceito de translanguagem ubuntu, proposto por Mikalela (2016), que parte de uma visão de língua como um sistema poroso, interconectado e dinâmico, atravessado pelos valores do Ubuntu — filosofia africana baseada na máxima: “eu sou porque nós somos; nós somos porque eu sou”. Aplicado às práticas de linguagem, esse princípio implica reconhecer que uma língua existe porque outra também existe, ou seja, as línguas não são entidades isoladas, mas sim expressões da lógica cultural e da existência humana. Assim, são inseparáveis da alma e da identidade de seus falantes. Sob essa perspectiva, a integração do Ubuntu às línguas africanas promove processos simultâneos de ruptura e renovação, permitindo a transgressão das normas linguísticas estabelecidas e a criação de formas expressivas inovadoras (MAKALELA, 2016).

REFERÊNCIAS

ANGOLA. **Constituição da República de Angola**. Diário da República 5 fev. 2010.

ALENCASTRO, L. F. de. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

ALEXANDRE, H. P. Topônimos angolanos de origem bantu: princípios para harmonização gráfica. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 20, n. 3, p. 465–498, jul. 2020.

AGOSTINHO, A. L. **Lung’le, lunge no** [recurso eletrônico]: método para aprender lung’le. São Paulo : FFLCH/USP, 2021.

BÂ, A. H. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (org.). **História Geral da África I: Metodologia e Pré-História da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.

BERNARDO, E. P. J. Identidade linguístico-cultural: fragmentos de enunciados proverbiais da língua kimbundu. **Revista Digital de Políticas Lingüísticas (RDPL)**, v. 11, p. 114-129, 2019.

DEBUS, E.; SANTOS, Z. O. dos; BERNARDES, T. V. M. **Para dar a conhecer as literaturas africanas de língua portuguesa para infância publicadas no Brasil**: resenhas. Florianópolis: Cruz e Sousa, 2022.

FERNANDES, S. de C. T.; SEVERO, C. G.; Representações sobre os africanos em livros didáticos brasileiros de história. In: LEITE, I. B.; SEVERO, C. G. (Orgs). **Kadila: culturas e ambientes**: Diálogos Brasil-Angola. São Paulo: Blucher, 2016, p. 395-410

JIMBI, B. I.; SICALA, D. V. Empreendedorismo ortográfico: uma proposta de harmonização e preservação da língua umbundu falada no centro-sul de Angola. **Dossier: Situações singulares ou pouco tratadas com relação às línguas de imigração ou estrangeiras**, [S.l.], n. 13, 2020.

MAKALELA, L. Ubuntu translanguaging: An alternative framework for

complex multilingual encounters. **Southern African Linguistics and Applied Language Studies**, v. 34, n. 3, p. 187–196, 2016.

MATA, I. No fluxo da resistência: a literatura, (ainda) universo da reinvenção da diferença. **Gragoatá**. Niterói, n.27, 2009. p.11-32.

MINGAS, A. **Interferência do kimbundu no português falado em Angola**. Luanda: Chá de Caxinde, 2000.

NHAMPOCA, J.; Os três C's da África e a desconstrução do rótulo. In: LEITE, I. B.; SEVERO, C. G. **Kadila: culturas e ambientes - Diálogos Brasil-Angola: culturas e ambientes - Diálogos Brasil-Angola**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 417-426 DOI 10.5151/9788580392111-24

PENNYCOOK, A.; MAKONI, S. **Innovations and challenges in applied linguistics from the Global South**. Routledge, 2020.

PONSO, L. C. **Linguagens e educação para as relações étnico-raciais: história e cultura afro-brasileira**. Volume 2. Florianópolis: UFSC/CCE/PoLiTiCas, Caroba Produções, 2025.

RAMOSE, M. Globalização e Ubuntu. In DE SOUSA SANTOS, B.; MENESSES, M. P. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SASSUCO, D. P.. Línguas atuais faladas em Angola: Entrevista com Daniel Sassuco. **Cadernos Textos de Debates**, NUER, n. 13, 2015.

SERRA, C. (Org.) **Estão as Línguas Nacionais em Perigo?**. Maputo: Escolar Editora, 2014, p. 9-36.

SEVERO, C. G.; NHAMPOCA, E. A. C.; BERNARDO, E. P. J.. **Políticas linguísticas educacionais em contextos africanos** [Livro Eletrônico; acesso livre]. Belo Horizonte, MG : Mazza Edições, 2024.

SEVERO, C. G.; NHAMPOCA, E. A. C.. Políticas linguísticas educacionais em contextos multilingues africanos. **Revista Letras**, n. 105, p. 29-44, 2022.

WA THIONG'O, N. **Decolonising the mind: The politics of language in african literature**. Nairobi: EAEP, 1997.

WEIMER, G. Arquitetura popular afro-brasileira. **Em Questão**, v. 26, p. 291–316, 2020.



caroba
produções